

# Nascido de Novo

## Vincent Cheung

Copyright © 2006 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por [Reformation Ministries International](#)  
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

## SUMÁRIO

JOÃO 3:1 .....	3
JOÃO 3:2 .....	6
JOÃO 3:3 .....	9
JOÃO 3:4 .....	14
JOÃO 3:5 .....	22
JOÃO 3:6-7 .....	26
JOÃO 3:8 .....	30
JOÃO 3:9-13 .....	35
JOÃO 3:14-15 .....	39
JOÃO 3:16 .....	43
JOÃO 3:17-18 .....	53
JOÃO 3:19-21 .....	58

## João 3:1

Há uma história bem conhecida na Bíblia sobre uma conversa entre Jesus e um homem chamado Nicodemos. Ela começa no terceiro capítulo do Evangelho de João, mas para apreciarmos melhor o que acontece na conversa, devemos olhar primeiramente para os versículos que vêm imediatamente antes do capítulo 3, visto que eles nos dão o pano de fundo contra o qual João nos apresenta a história.

Assim, iniciaremos a partir de 2:23-25: “Enquanto estava em Jerusalém, na festa da Páscoa, muitos viram os sinais miraculosos que ele estava realizando e creram em seu nome. Mas Jesus não se confiava a eles, pois conhecia a todos. Não precisava que ninguém lhe desse testemunho a respeito do homem, pois ele bem sabia o que havia no homem”. Aqui João nos diz que muitas pessoas tinham visto os milagres que Jesus tinha feito em Jerusalém, e assim creram nele. Mas embora eles confiassem nele, Jesus, por outro lado, não confiava neles. A HCSB é correta onde ela traduz: “Muitos *confiavam* em seu nome.... Jesus, contudo, não se *confiava* a eles”.

João nos dá uma explicação interessante para isso, isto é, ele diz que Jesus não se confiava àquelas pessoas porque “ele conhecia todos os homens” e “sabia o que havia no homem”. É com esse pano de fundo que João continua para relatar vários exemplos a partir da vida de Jesus mostrando que o Senhor conhecia as circunstâncias e até mesmo os próprios corações e segredos das pessoas que ele encontrou. Ele viu seus motivos, percebeu suas necessidades, e até mesmos os seus pecados lhes eram transparentes. Então, como um médico mestre de almas, ele trataria com elas de formas que se dirigiam precisamente às condições únicas de cada pessoa.

No capítulo 3, João nos diz sobre a conversa entre Jesus e Nicodemos. Isso é o que iremos discutir, e assim, retornaremos para ela num momento. Então, no capítulo 4, João nos diz sobre um encontro entre Jesus e uma mulher samaritana. Essa mulher é muito diferente de Nicodemos – de fato, eles são opostos em muitos pontos – mas Jesus vê também o pano de fundo e o coração dela. Ele fala com ela de acordo com tal pano de fundo, e com muito mais habilidade e discernimento do que quando ele trata Nicodemos no capítulo anterior. No versículo 29, quando a mulher retorna para sua cidade para contar às pessoas sobre Jesus, ela diz: “Venham ver um homem que me disse tudo o que tenho feito. Será que ele não é o Cristo?”.

Depois disso, no capítulo 5, João relata um incidente no qual Jesus cura uma pessoa que tinha sido inválida por trinta e oito anos. Jesus se aproxima dela e pergunta: “Você quer ser curado?” (v. 6). Certamente, a história demonstra o poder de Jesus para curar, e o fato de que ele realiza essa cura no Sábado carrega implicações importantes. Mas ainda há mais para isso, pois se guardarmos em mente o que João diz em 2:24-25, então perceberemos também o significado que ele registra em 5:14, onde Jesus diz ao homem que tinha acabado de ser curado: “Olhe, você está curado. Não volte a pecar, para que algo pior não lhe aconteça”. Jesus conhece o pano de fundo desse homem, e ele está ciente de uma conexão entre sua condição espiritual e sua condição física. Jesus não assume meramente essa conexão, mas ele a percebe, visto que ele oferece uma explicação diferente para “um homem cego de nascença” no capítulo 9. Ele tem discernimentos supernaturais para as pessoas.

De qualquer forma, nesse momento estamos preocupados somente com a conversa entre Jesus e Nicodemos, e vemos que João faz uma forte conexão entre 2:25 e 3:1. Logo após declarar que Jesus “sabia o que havia em *um homem*” (NIV), João introduz o primeiro de uma série de eventos na vida de Jesus, começando com Nicodemos, e escreve: “Havia *um homem*” (NIV), isto é, Nicodemos, que veio visitar Jesus.

Leiamos o versículo 1 em sua inteireza, ou seja: “Havia um homem, dos fariseus, chamado Nicodemos, uma autoridade entre os judeus” (NIV). Embora não haja nenhuma forma de sabermos tudo sobre os motivos de Nicodemos e as circunstâncias ao redor de sua visita, o versículo nos oferece vários detalhes que lançarão luz sobre o significado das coisas que leremos nos versículos subseqüentes.

Os fariseus eram aqueles que tinham dedicado suas vidas a uma observância meticulosa da Lei de Moisés. Paulo diz que eles pertenciam à “seita mais severa da nossa religião” (Atos 26:5). Embora o propósito e filosofia deles pareçam nobres, no tempo de Jesus eles tinham se tornado insuportavelmente legalistas.

Por exemplo, exteriormente eles observavam e guardavam zelosamente o Sábado. Ele deveria ser um dia de descanso, no qual o trabalho era proibido. Contudo, eles tinham imposto sobre ele uma ampla quantidade de regras pelas quais eles definiam o que constituía “trabalho” no Sábado, alegadamente para assegurar a obediência estrita à essa lei. O problema é que, não somente eles tinham adicionado algo à palavra de Deus, mas essas regras eram tais que elas subvertiam o próprio Sábado, destruindo seu próprio propósito e intenção. No final, eles não estavam observando realmente o mandamento de Deus com respeito ao Sábado, mas sim as regras que eles tinham feito e imposto sobre o mandamento, e que de muitas formas se opunham ao espírito e à letra da intenção de Deus para tal mandamento.

Jesus vê o fingimento e lhes diz: “Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições!” (Marcos 7:9; também 8 e 13). Em outra ocasião, ele diz: “Guias cegos! Vocês coam um mosquito e engolem um camelo” (Mateus 23:24). Por isso ele quis dizer que eles eram cuidadosos para seguir certas regras exteriores, especialmente aquelas que eles tinham criado para si mesmos, e pela observância das quais eles reivindicavam agradecer a Deus, mas ao mesmo tempo, eles quebravam o maior de todos os mandamentos, e violavam a própria essência e as questões mais importantes da Lei.

Esse é o porquê Jesus os chama de hipócritas. Eles se apresentam como um tipo de pessoas quando na realidade eles são o exato oposto. A religião deles tinha se tornado externa, centrada no homem, e até mesmo inventada pelo homem. E ao seguir esse sistema religioso, eles se tornaram auto-justificados e auto-assegurados. Na realidade, a aprovação de Deus tinha se tornado irrelevante, visto que eles justificariam a si mesmos e uns aos outros. Assim, num lugar, Jesus diz: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície”.

Agora, o externo não é sem importância ou irrelevante na religião. Os mandamentos de Deus pertencem tanto aos nossos pensamentos como às nossas ações. Mas o que define a condição espiritual de uma pessoa e dirige suas ações é o seu coração, pensamentos e motivos. As coisas más que procedem do coração de um homem é que o tornam impuro aos olhos de Deus (Mateus 15:18-20). Jesus percebe o mal e a malícia nos corações dos fariseus, bem como a desobediência exterior deles à Lei de Deus. Embora eles pareçam

extremamente piedosos para algumas pessoas, e certamente para si mesmos, a religião deles era morta. Eles traziam prisão espiritual e condenação para as pessoas, e eles se tornaram os inimigos de Deus.

Nicodemos era um fariseu. A partir do que lemos no capítulo 3, bem como suas aparições subseqüentes no Evangelho de João, podemos concordar que ele é melhor do que o fariseu típico. Mas ainda assim, é a partir desse pano de fundo e dessa mentalidade que ele vem inquirir Jesus. Também, podemos assumir que ele é pelo menos exteriormente religioso, que ele é respeitado pelas pessoas, e muito instruído. Mais tarde na passagem, Jesus até mesmo o chama de “o mestre de Israel” (v. 10, NASB).

Mas há mais sobre ele. O versículo 1 também se refere a ele como “uma autoridade entre os judeus”. Isso significa que ele é um membro do Sinédrio, o supremo concílio entre os judeus. O concílio era presidido pelo sumo sacerdote, e tinha jurisdição religiosa, civil e criminal sobre as pessoas. Certamente, seu poder era limitado enquanto Israel estava sob o domínio das nações estrangeiras em vários momentos na história, mas sua autoridade era, todavia, considerável. Entre seus poderes e deveres, o concílio era responsável por investigar e tratar com aqueles que eles suspeitavam ser falsos profetas e hereges. Outros personagens do Novo Testamento que também era membros do Sinédrio incluíam José de Arimatéia (Marcos 15:43) e Gamaliel (Atos 5:34).

Em adição, algo que João escreve em outro lugar sugere que Nicodemos deveria ser um homem rico. Nicodemos também aparece nos capítulos 7 e 19 desse Evangelho. No capítulo 19, após Jesus ter morrido na cruz, Nicodemos acompanha José de Arimatéia para sepultar o corpo de Jesus. O versículo 39 diz: “Nicodemos levou cerca de trinta e quatro quilos de uma mistura de mirra e aloés”. Somente um homem rico poderia trazer tudo aquilo, e como certo erudito comenta, Nicodemos trouxe tamanha quantidade de mirra e aloés que é como se ele estivesse preparando um sepultamento real.

## João 3:2

Então, João continua: “Ele veio a Jesus, à noite, e disse: “Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele”. Com seu distinto pano de fundo, educação, saúde, e poder, é considerável que ele tinha vindo até Jesus. Qual é a razão de sua vinda? Qual o seu motivo? Ele veio para zombar de Jesus, para testá-lo, ou para prendê-lo? A partir do que lemos aqui, parece que esse não é o caso, mas parece que ele veio até Jesus para inquirir dele, para aprender mais sobre ele e o seu ensino, para discutir teologia com ele.

Como mencionei, Nicodemos aparece mais duas vezes no Evangelho de João, e em ambas as ocorrências ele permanece ao lado de Jesus. Já lemos a partir do capítulo 19 onde ele investiu seu dinheiro e o esforço para dar a Jesus um sepultamento apropriado. Antes disso, no capítulo 7, quando seus colegas estavam prontos para condenar Jesus, Nicodemos os adverte contra traçar uma conclusão apressada, e diz: “A nossa lei condena alguém, sem primeiro ouvi-lo para saber o que ele está fazendo?” (v. 51). Assim, é natural no capítulo 3 entender que Nicodemos veio até Jesus porque ele estava interessado no que Jesus tinha para dizer. E como ele mesmo era um mestre proeminente em Israel, rodeado por outros mestres e líderes religiosos proeminentes, é considerável que ele viesse até Jesus.

João diz que Nicodemos veio até Jesus “à noite”. É comum as pessoas assumirem que ele fez isso porque ele estava com medo de ser visto por outros e ser associado com Cristo. Por causa dos seus ensinamentos e seus milagres, Jesus estava gerando controvérsia e trazendo muita atenção do público. Líderes religiosos que estavam ávidos para reter suas tradições e seu controle sobre o povo o consideraram com suspeita, se não com malícia absoluta. Assim, é sugerido que Nicodemos veio à noite coberto pela escuridão. Embora isso seja possível, de forma alguma é claro a partir do texto. João não diz que essa é a razão de sua vinda à noite, nem isso é uma implicação necessária derivada de algo em nossa passagem.

Há outra explicação possível. Os rabis pensam que o melhor horário para estudar e discutir teologia é à noite, quando eles podem ler, pensar e conversar por horas sem perturbação. Assim, um rabi visitar outro à noite é uma prática comum, e não demanda alguma razão ou motivo mais profundo para explicar isso. Todavia, a terceira possibilidade é que isso é apenas um dos detalhes que João escolhe incluir a medida que ele recorda esse incidente. De qualquer forma, seja qual for a razão, não podemos insistir que Nicodemos veio à noite por medo de perseguição ou embaraço.

Assim, Nicodemos veio até Jesus à noite e lhe disse: “Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele”. Agora, consideremos o que Nicodemos diz nesse versículo. Primeiro, ele declara: “Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus”. Uma tradução mais literal é: “Nós sabemos que tu vieste de Deus como um mestre” (NASB). A razão que Nicodemos dá para essa crença é: “Pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele”.

Porque ele usa a palavra “nós”, alguns sugerem que Nicodemos veio até Jesus como um representante de vários fariseus que sustentavam a mesma visão geralmente positiva para com Jesus, e que desejavam inquiri-lo, para saber mais sobre o seu ensino, sua missão, e o que ele tinha para dizer sobre as maiores preocupações deles. Não precisamos especular sobre se havia outros entre os fariseus cujos pensamentos eram similares aos de Nicodemos, embora

esse seja provavelmente o caso, pois nesse momento estamos interessados no que podemos claramente derivar a partir do que ele diz.

O que notamos é que Nicodemos é muito diferente da maioria dos outros fariseus, que acusariam Jesus de realizar milagres pelo poder do diabo. Certamente, Jesus refutaria tal acusação quando levantada (Mateus 12:24-37), mas aqui a coisa importante é notar que Nicodemos não sustenta a mesma atitude que esses fariseus maliciosos. Ele não está atrás de destruir Jesus, e o que ele diz a Jesus aqui não apresenta nenhum criticismo aparente.

Alguns comentaristas pensam que há uma nota de condescendência ou bajulação, ou de bajulação condescendente, em como Nicodemos se aproxima de Jesus. Como o próprio Nicodemos é um rabi, parece incrível para esses comentaristas que ele tivesse tanto respeito por Jesus a ponto de chamá-lo de um dos seus. Mas isso é o que ele diz para ele: “*Rabi, sabemos que ensinas da parte de Deus*” (NIV). Assim, parece para eles que ele devia estar dizendo isso a partir de uma atitude condescendente, ou como bajulação para desarmar Jesus. Contudo, essa é uma inferência a partir do que os comentaristas *assumem* sobre Nicodemos, e não uma inferência a partir do próprio texto. O texto não oferece nenhuma evidência que sustentaria tal interpretação, e assim, ela não é nada mais do que especulação.

Quanto à declaração, “Pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele”, essa não é necessariamente uma declaração de bajulação, mas ela poderia ser sua opinião honesta quanto ao porquê ele pensa que Jesus veio de Deus como um mestre. Considerada em si mesma, não há nada de errado com essa declaração. Os escritores do Novo Testamento descrevem o ministério de Jesus como um caracterizado pelos milagres que ele realizou, bem como pela abundância e magnitude desses milagres.

Nós lemos em Atos 10:37-38: “Sabem o que aconteceu em toda a Judéia, começando na Galiléia, depois do batismo que João pregou, como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, *porque Deus estava com ele*”. Pedro usa a mesma linguagem para explicar o porquê Jesus podia realizar todos os milagres que ele realizou. É porquê “Deus estava com ele”.

Então, olhemos também para o último versículo do Evangelho de João. Ali, João escreve: “Jesus fez também muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos” (21:25; veja também 20:30). Essa declaração refere-se a tudo que Jesus fez, e não somente aos milagres que ele realizou, embora seus milagres estejam certamente inclusos, visto que essa declaração refere-se a *cada uma* das coisas que ele fez. Não somente os seus milagres estão inclusos em tudo o que ele fez, mas como já observamos, eles são uma parte significativa do seu ministério. E aqui João nos diz: “Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos”.

Mesmo que consideremos essa declaração como uma hipérbole – isto é, como um exagero óbvio, não com o propósito de enganar, mas usado como um artifício literário, para efeito – a imagem que João nos apresenta ainda é significativa. Ele *não* diz: “Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no *quarto* inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos”. Se isso fosse o que João diz, já ficaríamos impressionados com a idéia de que Jesus realizou um grande número de coisas, pois quantas pessoas poderiam realizar tantas coisas, as quais, se fossem escritas, os livros encheriam um quarto inteiro? Mesmo que todos os nossos atos significantes fossem registrados nos rolos de papel que os escritores do Novo Testamento usaram naquele tempo, eles ainda poderiam não serem suficientes para encher um

quarto grande. Mas João diz que se todas as coisas que Jesus fez fossem escritas, até mesmo o *mundo* inteiro poderia não ter espaço para os livros que seriam escritos.

Em outras palavras, Jesus deve ter feito muitas, muitas coisas, e ele deve ter muitos, muitos milagres, de forma que se todos eles fossem escritos, até mesmo o mundo inteiro poderia não ter espaço para conter todos os livros que seriam escritos. Novamente, mesmo que consideremos essa declaração como um exagero, e mesmo que somente uma pequena fração dessas “muitas coisas” fossem milagres, ela ainda significaria que Jesus realizou uma quantidade surpreendente de milagres. Ela ainda significaria que ele realizou uma quantidade totalmente absurda de milagres. Devemos lembrar também que o ministério de Jesus abarcou apenas alguns anos, e foi durante esses poucos anos que ele fez essas “muitas coisas”, incluindo seus milagres.

Colocando tudo isso junto, a implicação é que esses milagres foram fluindo de Jesus de um modo tão concentrado que eles foram constantemente acontecendo, um após o outro, ou até mesmo muitos ao mesmo tempo. Seu ministério foi caracterizado por milagres em cima de milagres. Parece legítimo inferir que ele deve ter realizado dezenas de milhares de milagres durante seu ministério. O número exato não é importante, mas o que é importante é perceber que havia tanto milagres vindo de Jesus, que esses milagres estavam acontecendo de todos os lados, e literalmente se espalhando por todo o lugar ao redor dele. Isso explica o porquê seus milagres se tornaram uma das suas marcas distintivas no ponto mais precoce do seu ministério.

Nicodemos vê a significância desses milagres, e diz: “Pois ninguém pode realizar os sinais miraculosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele”. Todavia, devemos lembrar como João conclui o segundo capítulo do seu Evangelho: “Enquanto estava em Jerusalém, na festa da Páscoa, muitos viram os sinais miraculosos que ele estava realizando e creram em seu nome. Mas Jesus não se confiava a eles, pois conhecia a todos. Não precisava que ninguém lhe desse testemunho a respeito do homem, pois ele bem sabia o que havia no homem”. Assim, não podemos inferir muito sobre a condição espiritual de Nicodemos a partir de 3:2.

Sua declaração implica uma visão geralmente positiva sobre Jesus, mas em si mesma, ela fica longe de uma apreciação plena de quem Jesus é, e falha em refletir um entendimento do cerne de sua missão. Pelo menos Nicodemos podia inferir que a magnitude e a abundância de milagres que Jesus estava realizando implicava que ele tinha vindo de Deus. Contudo, o que ele diz não nos fala o quanto ele entendia sobre as operações espirituais. No máximo, nos diz que ele estava ciente dos efeitos exteriores do poder espiritual no ministério de Cristo, e para ele isso significava que Jesus tinha vindo de Deus como um mestre.

A partir do que João diz no final do capítulo 2, podemos estar certos de que Jesus sabe exatamente o que está no coração de Nicodemos, suas preocupações e motivos, o que ele carece e o que ele necessita. Assim, a condição exata de Nicodemos ainda há de ser vista a partir de como Jesus interage com ele, a partir do que aparecerá nessa conversação.



### João 3:3

Guardando em mente que “ele conhecia todos os homens”, que “ele sabia o que havia em um homem”, e que, portanto, sabia o que havia em Nicodemos, o versículo 3 diz: “Em resposta, Jesus declarou: ‘Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo’”. Jesus não está dizendo a um criminoso comum ou a algum bêbado na rua, mas a um rabi educado, poderoso e religioso. E ele diz, “Ninguém” – *ninguém* – “pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”.

Quando eu estava na faculdade, fiz um curso com um professor de economia que era bem conhecido por sua participação em ministérios cristãos em áreas pobres dos centros das cidades e em prisões. Um dia, ele se referiu a si mesmo como um “cristão nascido de novo” em sua palestra, a medida que falava sobre seu trabalho com presidiários, usando-os como exemplos para ilustrar um ponto sobre economia e questões raciais.

Quando a aula terminou, um colega de classe a quem eu tinha auxiliado, perguntou se eu gostaria de almoçar com ele, e mencionou certo restaurante. Eu me lembrei da refeição que tive da última vez em que estive lá, e instantaneamente concordei. Quando sentamos e começamos a olhar com penetração para os nossos menus, ele subitamente levantou os olhos e me disse: “O que ele quis dizer por *nascido de novo*?”. Que oportunidade deliciosa para ser inquirido com uma questão como aquela!

Agora, eu nunca me afasto de uma discussão espiritual, nem me importo em iniciar uma com um amigo ou um estranho. Mas ao contrário de alguns, discordo que eu deva sempre dizer a alguém que eu sou um cristão o mais rápido possível, não importa como. Se for claro que eu provavelmente não irei encontrar a pessoa novamente, então eu terei um maior senso de urgência sobre isso, mas mesmo então saberei que não sou o único a quem Deus pode usar para falar com essa pessoa. (A doutrina da soberania divina *não* mina o evangelismo, mas se ela não quer dizer que Deus é soberano, e que ele não *precisa* de homens ou de um homem particular, então ela não quer dizer nada). Contudo, se é claro que eu terei a oportunidade de encontrar a pessoa novamente, ou até mesmo várias vezes mais tarde, então eu frequentemente esperarei a oportunidade correta, ou pelo menos tomarei um tempo para arranjar a conversação melhor para introduzir o assunto.

Não entenda incorretamente isso – eu não hesitaria em trazer o evangelho, mesmo em tempos inconvenientes, nem penso que devemos ser inquiridos antes de pregar o evangelho às pessoas. Certa vez estava fazendo evangelismo de rua com uma igreja em Hong Kong, e naquela noite particular, tínhamos decidido entrar num restaurante *fast food* e falar com os clientes ali, um a um. Cada um de nós se aproximaria de uma mesa e falaria sobre o evangelho para as pessoas. Cada conversação envolveria uma explicação do Cristianismo e frequentemente exigiria uma defesa dele contras as questões e objeções levantadas. A abordagem seria concluída com um convite para visitar a igreja para aprender mais, e se as pessoas aceitassem, sempre lhes daríamos várias fitas cassetes para levarem para casa. Algumas vezes uma conversação duraria uns trinta minutos ou mais, e algumas vezes até mais do que uma hora. Assim, cada um de nós poderia geralmente falar somente com umas poucas pessoas por noite.

Naquela noite, no momento em que estava procurando uma última pessoa com quem falar, notei um jovem sentado sozinho no canto do restaurante. Eu disse que ele era um

jovem, mas talvez ele fosse de dez a quinze anos mais velho do que eu, visto que eu era ainda mais jovem do que ele. A medida que me aproximava, notei que havia uma rosa na mesa, e ele estava escrevendo lentamente num pedaço de papel. Fui até ele e comecei a lhe falar sobre Deus, Jesus e o evangelho. Sem levantar os olhos, ele gritou: “Minha namorada acabou de terminar comigo. Por favor, deixe-me sozinho!”. Eu olhei por cima dos seus ombros – ele estava escrevendo uma carta para sua namorada, ou ex-namorada, para convencê-la a voltar com ele. Eu não pude entender o que ele escreveu, mas notei que havia lágrimas derramadas no papel.

Não fui dissuadido, mas comecei imediatamente a pregar para ele. De qualquer forma, eu era muito jovem naquela época para ter algum tipo de consideração para com o tipo de problema que ele estava experimentando. Eu continuei, e algumas vezes ele respondeu minhas perguntas inquiridoras mesmo em lágrimas, de forma que realmente tivemos uma conversa, a despeito de sua relutância. Finalmente, visto que ele não estava inclinado a ter uma discussão espiritual sobre a sua alma, perguntei se poderia lhe dar uma fita com sermão, e ele gritou: “Deixe-a! Deixe-a!”. Coloquei uma fita na mesa, dei uns tapinhas nas suas costas, e parti. Quando pensei sobre aquele incidente, percebi que poderia ter feito melhor, mas nunca me lamentei de ter aproximado dele e lhe dirigido a palavra, a despeito de sua dor e relutância.

Assim, não é que eu sempre escolha esperar uma oportunidade “perfeita”, a qual pode nunca chegar, mas sou contra estabelecer regras muito rígidas com relação a quanto tempo você é permitido esperar antes que você *deva* mencionar o evangelho. Eu tenho ouvido vários pregadores dizer que se alguém te conhece por mais de uma semana e ainda não faz idéia de que você seja um cristão, então deve haver algo de errado com você. Talvez sua fé seja defeituosa, ou talvez você não seja um cristão de forma alguma. Não somente essa é uma regra anti-bíblica, mas porque é anti-bíblica, ela injeta medo e temor desnecessários no povo de Deus, e nos crentes que poderiam se tornar testemunhas eficazes de Cristo quando as instruções e exortações apropriadas fossem dadas.

Certamente, esses pregadores pretendem encorajar o zelo no evangelismo, mas o que eles dizem é muito simplista, e denuncia ignorância de algo além das operações espirituais mais claras e superficiais. Certamente não estou encorajando a timidez, mas sim uma ousadia que pode trabalhar junto com um senso maduro de tempo espiritual, bem como confiança na providência de Deus para preparar os corações das pessoas e dirigir nossas conversações.

Eu conhecia esse estudante há poucos meses, e estávamos numa outra aula juntos antes daquela, embora nunca tivéssemos conversado. Essa foi a primeira oportunidade natural para lhe falar sobre religião, e ela veio como um convite direto para falar sobre o cerne do assunto. Começar uma discussão sobre religião de tal maneira tem várias vantagens, uma das quais é que a pessoa acompanhará a mesma até o final com uma maior probabilidade, ao invés de partir, para escapar, quando a conversa se tornar desconfortável para ela, talvez quando o crente começar a expor sobre o pecado, suas conseqüências, e a única solução em Jesus Cristo.

Há algo mais notável acerca disso, e é que foi ele quem fez a pergunta. O termo “nascido de novo” se tornou tão familiar em algumas culturas que muitas pessoas assumem que elas entendem o que ele quer dizer, ou a o que ele se refere, quando de fato elas têm um entendimento muito menor sobre as coisas espirituais do que alguém como Nicodemos. Mas embora a linguagem possa ser familiar, o conceito ainda é

estranho para a maioria das pessoas, e até mesmo para alguns cristãos professos. Assim, surpreendeu-me que meu amigo me perguntasse o que o professor quis dizer quando ele se referiu a si mesmo como “nascido de novo”. Isso me deu a oportunidade que eu estava esperando para lhe falar sobre a fé cristã.

Esse estudante não entendeu o significado de “nascido de novo”, e ele estava disposto a admitir isso. O professor, por outro lado, usou o termo como se ele conhecesse seu significado. Embora eu não possa estar certo, a partir da forma como ele usou o termo, minha impressão foi que ele estava se referindo a uma reforma moral drástica, determinada e executada por ele mesmo, num ponto de crise em sua vida. E pareceu-me que era esse tipo de “novo nascimento” que ele estava tentando oferecer às pessoas em seu ministério em áreas pobres dos centros das cidades e em prisões.

Por exemplo, se ele pudesse persuadir o membro de uma gangue a deixar a gangue e começar uma nova vida, ou despertar um alcoólatra para o seu problema de bebedice, de forma que ele, pelo contrário, começasse a tratar com as dificuldades da vida investindo em trabalho, hobbies e relacionamentos, então o professor teria considerado tal pessoa como uma “nascido de novo”, especialmente quando sua mudança for feita em associação com a igreja.

Se minha impressão estava correta, então o professor não conhecia o que o termo significava quando ele o usou. Ou, mais precisamente, ele estava usando-o numa forma muito diferente da forma como ele é usado na Bíblia. O que, então, significa ser nascido de novo? Nicodemos sabia? *Você* sabe? Você entenderia o termo se eu o usasse numa conversa com você?

Leiamos novamente o que Jesus diz: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”. A palavra traduzida por “de novo” pode transmitir três significados. Os comentaristas usualmente dizem que pode haver dois significados, pois é comumente concordado que um desses três não se aplica em nosso contexto.

Um dos significados é “desde o princípio”. Por exemplo, a palavra aparece em Lucas 1:3, e ali ela é traduzida como “desde o começo” (NIV, NVI) ou “desde o primeiro momento” (KJV). Em Atos 26:5, onde a KJV dá a tradução literal, “Que me conheciam *desde o princípio*”,<sup>1</sup> a NIV traduz de acordo com o significado demandado pelo contexto, na qual lemos: “Eles me conhecem *há muito tempo*” (NVI).<sup>2</sup> E é esse significado que para os comentaristas parece inaplicável em nosso contexto, embora William Barclay sugira que ele pode se referir à natureza *radical* do novo nascimento.<sup>3</sup>

O segundo significado é “de novo”, e essa é a tradução usualmente selecionada. Por exemplo, Paulo escreve em Gálatas 4:9: “Querem ser escravizados por eles *de novo*?” (NIV).<sup>4</sup> Então, o terceiro significado é “do alto”. Considerando o contexto dessa passagem e outras porções do Novo Testamento, parece que esses dois significados são pretendidos.

A resposta de Nicodemos no versículo 4 indica que ele tomou a palavra como significando somente “de novo”, embora ele falhe em entender o termo até mesmo

<sup>1</sup> Nota do tradutor: “Sabendo de mim, *desde o princípio*” (ARC). “Pois, na verdade, eu era conhecido deles *desde o princípio*” (ARA).

<sup>2</sup> Nota do tradutor: A NIV e a NVI são semelhantes na tradução desse versículo.

<sup>3</sup> William Barclay, *The Gospel of John, Vol. 1, The Daily Study Bible Series* (Westminster John Knox Press, 1975), p. 125.

<sup>4</sup> Nota do tradutor: “Querem ser escravizados por eles *outra vez*?” (NVI).

dessa perspectiva. Visto que, como veremos, há uma deficiência em seu entendimento sobre as coisas espirituais e sobre o que Jesus diz nesse versículo, não podemos depender de sua interpretação somente como uma indicação do que Jesus pretendeu transmitir pela palavra.

Mas podemos saber que “de novo” é pelo menos parte do seu significado aqui, visto que isso seria consistente com seu próprio ensino em outros lugares, bem como com o ensino dos outros escritores do Novo Testamento. Por exemplo, ele diz em outra ocasião: “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus” (Mateus 18:3). Pedro escreve que “ele nos fez *nascido de novo*” (1 Pedro 1:3, ESV) e aqui ele definitivamente se refere a ter nascido *novamente*.

Então, há talvez uma evidência ainda mais forte que Jesus inclui “do alto” como uma parte de seu significado. Primeiro, devemos notar que assim como o reino do *céu* é o mesmo que o reino de *Deus*, e assim como dizer que alguém vem do *céu* é o mesmo que dizer que algo vem de *Deus*, ser nascido “do alto” é apenas outra forma de dizer ser nascido “de Deus”. Uma vez que lembramos isso, percebemos que o que Jesus ensina aqui já tinha sido mencionado na introdução desse Evangelho, onde João se refere àqueles que são “nascidos de Deus” (João 1:13).

Em segundo lugar, a palavra traduzida como “de novo” aqui no versículo 3 claramente significa “do alto” em todas as outras partes do Evangelho de João. No mesmo capítulo desse Evangelho que estamos estudando, o versículo 31 diz: “Aquele que vem *do alto* está acima de todos; aquele que é da terra pertence à terra e fala como quem é da terra. Aquele que vem dos céus está acima de todos”. Os outros exemplos são João 19:11 e 23. A palavra é traduzida como “de cima” no primeiro versículo, e embora o último não tenha nenhuma relevância direta para o nosso texto, a tradução é “numa única peça, *de alto* a baixo”.

Nós diremos mais sobre isso quando chegarmos aos versículos 5-8, mas por ora já é claro que tanto “de novo” como “do alto” são significados pretendidos. Isso não deveria nos surpreender ou embaraçar, pois como Leon Morris observa, encontramos João usando palavras que podem significar muitas coisas diferentes quando ele pretende transmitir todos aqueles significados ao mesmo tempo.<sup>5</sup> A dificuldade para nós, então, é que no contexto da nossa passagem, a palavra não pode ser traduzida com uma simples palavra em português. Assim, algumas traduções empregam notas marginais, e outros como William Barclay e Leon Morris escolhem traduzir “nascido de novo” em algo como “renascido do alto”, de forma a compactar ambos os significados numa única expressão.

Se minha impressão do professor estava correta, então, embora ainda falaremos mais sobre o que significa ser “nascido de novo” e “nascido do alto”, podemos dizer imediatamente que seu uso do termo difere da forma como que Jesus o usou. Isso é desastroso porque Jesus insistiu que um homem *deve* nascer de novo. E se o professor era “nascido de novo” num sentido diferente, então isso significa que ele nunca teve o que Jesus insiste ser necessário para todo mundo.

Ser “nascido de novo”, ser “nascido do alto”, é muito mais do que ter uma crise moral e reformar o hábito e estilo de vida de alguém. Acima de tudo – e esse é o ponto que até mesmo muitos cristãos professos falham em captar – isso não é iniciado ou realizado

<sup>5</sup> Leon Morris, *Reflections on the Gospel of John* (Hendrickson Publishers, 2000), p. 88-89.

pela própria decisão da pessoa. A própria idéia de ser “nascido” impede isso. Assim como no nascimento natural, uma pessoa não pode fazer com que ela mesma nasça, mas alguém outro dá a ela o nascimento, completamente aparte de sua decisão. De fato, que essa pessoa tenha alguma oportunidade para decidir algo, de alguma forma, é porque alguém previamente lhe deu o nascimento.

Que uma pessoa necessita nascer “de novo” significa que o primeiro nascimento pelo qual ela entra no mundo é insuficiente para o propósito que Jesus tinha em mente. E que uma pessoa precisa nascer “do alto” clarifica ainda mais isso, pois agora vemos que ele está se referindo a um *tipo* totalmente diferente de nascimento. Também, que a pessoa deve nascer “do alto” novamente enfatiza o fato de que esse nascimento não pode ser realizado por outra pessoa humana, e ainda menos pela própria pessoa. Ele não é nem iniciado nem finalizado pela relação ou volição humana. Uma pessoa renascida do alto não “[nasceu] do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:13, ARA).

Jesus diz que a menos que uma pessoa seja nascida de novo ou nascida do alto, ela não pode “ver o reino de Deus”. Uma expressão equivalente aparece no versículo 5, e diz que sem ser assim nascido, uma pessoa não pode “*entrar* no reino de Deus”. Para alguém com um pano de fundo como o de Nicodemos, isso significa que ninguém pode participar do reino messiânico que todo judeu espera chegar, e que – a menos que de outra forma iluminado pela Escritura – todo judeu espera entrar simplesmente pela virtude de seu descendente natural. Em conjunção com este reino, eles esperam herdar a vida eterna, ressuscitada e glorificada da parte de Deus. João também aborda isso em nossa passagem.

A questão pivô aqui é como alguém pode herdar a vida e escapar da morte e condenação, como alguém pode receber vida e não perecer (v. 16-18). A mensagem de Jesus vem como um choque e uma ofensa, dizendo-lhes: “Deus pode fazer surgir filhos a Abraão até mesmo destas pedras, e vocês estão enganados se pensam que podem confiar somente em sua descendência natural. Digo-lhes a verdade: vocês *devem* nascer de novo, e a menos que nasçam de novo, vocês não poderão ver ou entrar no reino de Deus, mas perecerão como o restante”.

Certamente, João não está se dirigindo somente aos judeus aqui, nem ele usa uma linguagem que somente os judeus poderiam entender. Antes, ele diz que todo aquele que crê em Jesus Cristo será salvo e receberá a vida eterna, mas todo aquele que rejeitá-lo já está condenado. Entrar no reino é encontrar vida, e ficar fora é perecer. Mas você não verá ou entrará nesse reino glorioso a menos que você tenha nascido de novo – isto é, nascido do alto – não por decisão humana, mas pelo decreto e poder de Deus.

## João 3:4

Jesus tinha acabado de dizer a Nicodemos que “ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”. Temos gasto um pouco de tempo explicando o que o termo “nascer de novo” significa, e ainda discutiremos isso mais tarde. Neste momento, devemos retornar para examinar a resposta de Nicodemos. Ele sabe o que o termo significa? Ele diz no versículo 4: “Como alguém pode nascer, sendo velho? É claro que não pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e renascer!”.

Como mencionado, a palavra geralmente traduzida por “de novo” no versículo 3 pode significar tanto “de novo” como “do alto”, e no nosso contexto, ambos. Nicodemos, parece, toma o que Jesus diz somente num sentido físico, e formula sua resposta como uma questão retórica que assume uma resposta negativa (NASB, ESV). Como muitos comentaristas apontam, ele fala com um “literalismo crasso”, pelo menos superficialmente, denunciando uma estupidez espiritual extrema e essa estupidez é tal que se ela se torna uma questão de interpretação.

Isto é, porque Nicodemos entende o termo “nascer *de novo*” como se referindo a um *segundo* nascimento, e porque ele parece tomar isso num sentido puramente físico, sua resposta é se maravilhar com cepticismo se uma pessoa poderia entrar no ventre de sua mãe, e então nascer fisicamente por uma segunda vez. A questão de interpretação é se Nicodemos podia ser realmente tão espiritualmente estúpido, e se não, então uma leitura superficial de sua resposta tenderia a produzir uma representação incorreta de sua perspectiva.

Veremos se Nicodemos poderia ser tão estúpido, mas antes de discutirmos isso, devo apontar um erro que é comum tanto a Nicodemos como aos comentaristas, embora eles cometam esse erro de diferentes ângulos. Sua pergunta retórica assume que um homem velho não pode entrar no ventre de sua mãe e nascer por uma segunda vez, e muitos comentaristas também assumem que Nicodemos não poderia ser tão estúpido para entender o que Jesus tinha dito dessa forma, pois tal renascimento físico é obviamente impossível.

Contudo, quando o assunto é religião, então a providência especial de Deus sempre pode ser um fato, a menos que ela seja impedida por princípios e suposições que foram previamente declarados. Mas uma vez que o poder de Deus está envolvido, não somente é possível para um homem velho entrar no ventre de sua mãe e nascer por uma segunda vez, mas é ainda mais fácil que isso aconteça. Deus poderia fazer a mesma pessoa renascer dessa forma milhares de vezes num dia, caso ele assim o desejasse.

Assim, numa discussão religiosa, nada deveria depender de se algo como isso é possível ou impossível. Por que alguém deveria achar estranho que Deus o Filho entrasse no mundo através de uma virgem? Por que alguém deveria achar incrível o fato de que Deus ressuscita os mortos (Atos 26:8)? Por que? Não há nenhuma justificação racional para essa dúvida. O que é estranho, o que é incrível, é que alguém ache milagres estranhos e incríveis. Mas o pecado é o que explica essa irracionalidade da incredulidade.

Visto que todas as coisas são possíveis para Deus, o que é possível ou impossível não deveria ter nada a ver com o que significa nascer de novo. Contudo, se durante toda a

discussão a pessoa está pensando somente no que ela pode realizar para fazer a si mesma mais religiosa, então o fato de alguém lhe dizer que ela deve nascer de novo naturalmente lhe parecerá impossível, pois isso é de fato impossível para ela.

Mas o que é impossível para o homem é possível para Deus. Isso é Cristianismo! Deus realiza o que é impossível para o homem fazer. Assim, enquanto uma pessoa estiver fixada em descobrir o que está em seu próprio poder para salvar a si mesma, ou para fazê-la aceitável a Deus, ela nunca entrará no reino do céu. Isso é certamente uma pedra de tropeço para os judeus, e especialmente para os fariseus. É razoável pensar que essa é pelo menos uma parte da dificuldade que Nicodemos teve com o que Jesus diz no versículo 3, que “ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”.

Agora, alguns comentaristas dizem que os judeus já eram familiarizados com a idéia de renascimento. Quando os gentios eram convertidos à fé judaica, isso equivalia a uma tal reorientação de seu inteiro estilo de vida que eles eram ditos serem renascidos. Portanto, Nicodemos tinha alguma idéia de sobre o que Jesus está falando. De acordo com esses comentaristas, a questão aqui é que os judeus nunca aplicavam a idéia de renascimento a si mesmos, visto que em suas mentes isso é algo que somente os gentios precisam. E isso supostamente explica a reação de Nicodemos.

Contudo, essa explicação não faz sentido. A resposta mostra que Nicodemos está chocado com o pensamento de que algo aparentemente impossível seja requerido para até mesmo ver o reino de Deus. Mas se esses comentaristas estão corretos, Nicodemos deveria expressar surpresa por *sua necessidade* de um novo nascimento, e não com a própria idéia de um novo nascimento.

De fato, em outro lugar no Evangelho de João, quando Jesus diz aos judeus, “se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”, eles responderam, “somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como você pode dizer que seremos livres?”. A isso, Jesus declara: “Digo-lhes a verdade: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado... Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres” (veja João 8:31-59).

Quando esses judeus negam que eles estão sob escravidão, quando eles negam que eles precisam ser “livres”, eles não questionam a própria idéia de ser “livre” como se eles não a entendessem, mas eles apelam à sua linhagem para negar que eles estão sob escravidão. Assim, se algo similar está acontecendo em João 3, e se Nicodemos está meramente negando que ele precisa renascer como os gentios, então não faz sentido para ele falar como se ele questionasse a própria idéia ou a própria possibilidade de ser renascido.

Embora os comentaristas que tomam a posição acima não apontem esse problema na interpretação deles, eles não percebem que dizer “certamente isso não pode acontecer, pode?” é muito diferente de dizer “eu não preciso que isso aconteça comigo”. Assim, eles sugerem que a pergunta retórica de Nicodemos pretende ser uma resposta sarcástica. Mas isso é começar a ver como que os comentaristas estão fazendo as coisas caminharem. Se a interpretação deles é inconsistente com a declaração do locutor, então o locutor está simplesmente sendo sarcástico. É suficiente dizer que essa interpretação carece de justificação, e não tem sido estabelecida.

Uma variação da interpretação acima sugere que Nicodemos era de fato familiar com a idéia de renascimento, mas tendo testemunhado muitos de tais renascimentos nos gentios que tinham se convertido à fé judaica, ele não pôde falhar em observar que não tinha havido nenhuma transformação genuína nessas pessoas. Assim, sua questão retórica a Jesus expressa de fato sua frustração com uma proposta que parece impossível. Pode o ego de uma pessoa, seu próprio caráter, ser realmente transformado? Bem, certamente uma pessoa não pode entrar no ventre de sua mãe e nascer de novo, pode?

Se isso é o que Nicodemos tinha em mente, isso implicaria que ele tinha um entendimento um pouco maior do que a princípio parece; contudo, mesmo assim permanece o fato de que ele falha em captar o que Jesus está dizendo. Se essa é a verdadeira interpretação, então parece que Nicodemos possuía algum discernimento natural do fracasso do esforço humano e da tradição humana. Mas não há nenhum discernimento espiritual, nenhum entendimento do que Jesus tinha acabado de lhe dizer. Todavia, até mesmo essa interpretação é baseada na especulação sobre o que Nicodemos deve ter experimentado e o que ele devia estar pensando nessa passagem. Como a anterior, ela carece de justificação e não tem sido estabelecida.

Outra interpretação também insiste que Nicodemos não podia ser tão estúpido quanto ele parece. Mas de acordo com essa interpretação, ele é assim insultado pelo o que Jesus diz no versículo 3, ao que ele oferece essa questão retórica como uma resposta ridicularizadora e desdenhosa.

Em resposta, devemos primeiramente admitir que o evangelho de fato chega como um insulto para alguém que ainda não percebeu sua necessidade de salvação. Nossa pregação aplica a mesma linguagem e os mesmos rótulos a toda pessoa, quer ela seja um profissional ou um criminoso. Em termos de sabedoria e inteligência, não há nenhuma diferença essencial entre o professor de filosofia ou o físico pesquisador e o tolo, que não terminou a escola primária, o analfabeto que não pode ler suas correspondências, ou a pessoa mentalmente incapaz que precisa de ajuda para abotoar sua camisa. Em termos de moral e virtudes, não há nenhuma diferença essencial entre o humanista ou o monge e as prostitutas de ruas, o estuprador serial, ou o assassino de multidões. Assim, o professor e o filantropo ficam irados quando lhes é dito que eles não são melhores do que o burro ou a prostituta diante de Deus.

Eu me lembro de estar falando com uma senhora que negava que ela tivesse pecado *alguma vez* em sua vida. Ela pensava que “pecado” se aplicava somente aos atos exteriormente violentos e grosseiros. Mas ao falar adicionalmente com ela, logo descobri que ela estava cheia de ódio, ressentimento e amargura para com as pessoas. A Bíblia diz que uma pessoa que odeia alguém em seu coração cometeu assassinato e está em perigo do fogo do inferno. Ela também diz que uma pessoa que nega que tenha alguma vez pecado é uma mentirosa, e a verdade não está nela. Assim, ou ela é uma pecadora, ou uma mentirosa, e se ela é uma mentirosa, então ainda é uma pecadora. A mulher ficou muda após eu lhe mostrar isso. A mensagem bíblica veio como um insulto para ela. Ela queria chamar a si mesma de uma cristã, mas não queria admitir sua necessidade de ser uma cristã. Assim, certamente, ela não era uma cristã.

Assim, admitimos que o evangelho vem como um insulto para as pessoas não salvas, e especialmente para aqueles que estão cheios de orgulho e justiça própria. Dito isso, a interpretação em questão é, todavia, baseada na especulação sobre os pensamentos e motivos privados de Nicodemos, e não sobre algo que é explícito ou implícito na



passagem, ou nesse caso, em qualquer outra passagem bíblica. Portanto, como as outras, ela carece de justificação e não tem sido estabelecida.

Certo comentarista é especialmente caridoso para com Nicodemos, mas tão caridoso que parece ignorar o que está realmente no texto. Entre outras coisas, ele diz que não podemos crer que Nicodemos, um proeminente mestre em Israel, seria tão deficiente no entendimento que não somente falhasse em captar o que Jesus está dizendo, mas que também entendesse incorretamente isso na forma que sua resposta no versículo 4 parece indicar. Mas o comentarista não dá nenhuma boa razão para essa afirmação. Além do mais, ele tenta forçar os versículos subseqüentes para se conformarem à sua visão, ou seja, de que Nicodemos não era realmente tão destituído de entendimento espiritual.

Antes de você levantar as mãos e dizer, “talvez não possamos saber o que Nicodemos quis dizer, de forma alguma”, deixe-me te lembrar que todas essas interpretações vêm de comentaristas que recusam crer que Nicodemos poderia ser tão estúpido quanto ele parece. O que observamos é que eles não somente falham em estabelecer que Nicodemos não era tão estúpido quanto parece, mas também falham em fornecer sua própria interpretação razoável e coerente.

Por detrás da recusa deles de crer que Nicodemos poderia ser tão estúpido quanto parece está a *suposição*, algumas vezes explicitamente declarada, de que é impossível para um estudioso bíblico tal como ele ser tão destituído de entendimento espiritual, a ponto de fracassar em captar até mesmo uma verdade fundamental sobre a qual um relacionamento apropriado com Deus deve ser construído. Mas isso é o que ela é – uma suposição, e uma que ainda não foi justificada. De fato, a partir dessa e de outras passagens encontradas nesse Evangelho, é mais provável que uma das intenções de João para esse texto é precisamente recusar essa suposição.

Além do mais, eu não hesitarei em sugerir a possibilidade de que esses comentaristas fazem tal suposição sobre Nicodemos porque eles fazem a mesma suposição sobre eles mesmos. É possível que estudiosos bíblicos como eles mesmos sejam tão espiritualmente estúpidos que falhem em captar até a verdade mais básica e necessária? Todavia, no espírito de afirmar somente o que podemos legitimamente inferir a partir de um texto, não especularemos sobre as razões e motivos desses comentaristas, apenas diremos que é anti-bíblico e perigoso assumir que um estudioso bíblico automaticamente entenderá verdades espirituais.

A suposição é algumas vezes mais forte, de forma que alguns comentaristas recusariam crer que *alguém* fosse estúpido o suficiente para entender incorretamente o que Jesus quer dizer. Qualquer pessoa deveria ter uma compreensão superior a que Nicodemos parece demonstrar no versículo 4. Mas novamente, isso é meramente uma suposição. Ao invés de interpretar a Escritura baseado no que pensamos saber sobre a natureza humana, devemos interpretar a Escritura baseado no que a própria Escritura ensina sobre a natureza humana. O que é possível ou impossível para um homem entender deve ser definido pela Bíblia, e não a partir do que pensamos saber sobre o homem aparte da Bíblia.

Não me surpreende de forma alguma que Nicodemos pareça tão espiritualmente estúpido como ele o faz. De fato, dada todas as passagens bíblicas sobre estupidez espiritual, me impressionaria que tantos comentaristas rejeitem completamente a possibilidade, se eu não tivesse notado que essas mesmas passagens explicam o porquê os comentaristas falham em entender a estupidez espiritual! Os efeitos do pecado sobre

a mente não podem ser sobrepujados pela educação, nem mesmo pela educação em seminário, mas somente quando o Espírito de Deus ilumina a mente através da Escritura.

Em todo caso, alguns comentaristas são mais honestos com o texto. D. A. Carson escreve: “Uma visão mais realística é que Nicodemos não entendeu de forma alguma sobre o que Jesus estava falando”.<sup>6</sup> Similarmente, A. T. Robertson observa: “O fariseu erudito é tão infantil no discernimento espiritual quanto o absolutamente principiante”, e adiciona: “Esse não é um fenômeno do qual nunca se ouviu falar”.<sup>7</sup>

Eu posso citar muitos exemplos de estupidez extrema a partir do que tenho encontrado no ministério. Eu poderia explicar certos conceitos espirituais para pessoas clara, direta e repetidamente, mas elas não poderiam entendê-los. Mas então, para algumas delas, um dia o Espírito iluminou as suas mentes, e elas entenderam. Nós somos ordenados a proclamar e expor, mas não temos acesso direto ao coração humano, nem controle direto sobre a mente. É prerrogativa do Espírito soberano conceder entendimento aos nossos ouvintes.

Todavia, exemplos a partir da experiência pessoal não podem provar nada – na melhor das hipóteses eles podem somente ilustrar o que a Bíblia já ensina. Assim, para que cheguemos a um entendimento apropriado sobre a estupidez espiritual, deveríamos olhar para algumas passagens bíblicas sobre o assunto. Uma pessoa pode considerar isso uma digressão, mas isso está longe de ser um desperdício de tempo, nem é irrelevante, visto que o que estabelecermos aqui nos ajudará a entender melhor os próximos versículos em João 3.

Agora, Jesus diz em Mateus 11:25-27: “Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar”.

Devemos perceber a força dessas palavras. Jesus está dizendo que o verdadeiro conhecimento e percepção sobre o Pai e o Filho são zelosamente guardados deles, e até mesmo deliberadamente *ocultos* deles, exceto daqueles a quem ele escolheu revelar. Assim, não importa quanta inteligência natural uma pessoa pareça possuir – para conhecer a Deus sem revelação divina, alguém deve primeiro sobrepujar a onipotência de Deus que lhe oculta essas coisas, mas se alguém pode realizar isso, então não seria sobre onipotência que estaríamos falando.

Apenas essa passagem deveria eliminar todas as questões quanto a se alguém com o aprendizado de Nicodemos poderia ser tão espiritualmente estúpido como ele parece ser. Sua capacidade para entender *alguma coisa* sobre as operações espirituais de Deus depende se Deus escolheu se revelar a ele, e se ele escolheu se revelar a ele naquele momento particular. De fato, Jesus diz em nossa passagem: “[Tu] escondeste estas coisas *dos sábios e cultos*”, de forma que a sabedoria e o aprendizado humano não podem penetrar a barreira entre a sabedoria natural e espiritual.

---

<sup>6</sup> D. A. Carson, *The Gospel According to John*, The Pillar New Testament Commentary (William B. Eerdmans Publishing Company, 1991), p. 190.

<sup>7</sup> A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Vol. 5 (Broadman Press, 1960), p. 45.

Então, voltaremos para Mateus 16, e leremos primeiramente os versículos 5:12:

Indo os discípulos para o outro lado do mar, esqueceram-se de levar pão. Disse-lhes Jesus: “Estejam atentos e tenham cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus”.

E eles discutiam entre si, dizendo: “É porque não trouxemos pão”.

Percebendo a discussão, Jesus lhes perguntou: “Homens de pequena fé, por que vocês estão discutindo entre si sobre não terem pão? Ainda não compreendem? Não se lembram dos cinco pães para os cinco mil e de quantos cestos vocês recolheram? Nem dos sete pães para os quatro mil e de quantos cestos recolheram? Como é que vocês não entendem que não era de pão que eu estava lhes falando? Tomem cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus”.

Então entenderam que não estava lhes dizendo que tomassem cuidado com o fermento de pão, mas com o ensino dos fariseus e dos saduceus.

Quando Jesus menciona o “fermento dos fariseus e dos saduceus”, ele não está se referindo a comida, mas doutrina. Se seus próprios discípulos puderam compreender incorretamente algo como isso, por que nos surpreendemos que Nicodemos tenha falhado em entender o que Jesus quis dizer por “nascer de novo”? Certamente, aqui os discípulos não estavam sendo sarcásticos ou espertos – eles realmente pensaram que Jesus estava falando sobre comida. E o que Jesus diz em sua repreensão confirma que os discípulos eram genuinamente deficientes no entendimento.

Agora chegamos ao ponto crucial. Jesus não atribui o mal-entendido à mera má-comunicação. Ele não diz que sua declaração era muito vaga, e nem que os discípulos tinham uma deficiência geral em raciocinar com habilidade ou no entendimento do idioma. Pelo contrário, ele denuncia o mal-entendimento deles como sendo causado por falta de *fé* – ele diz que isso é um problema *espiritual*. Se eles tivessem a fé para lembrar e perceber que Jesus poderia multiplicar a comida, então eles não estariam dizendo entre si que Jesus estava preocupado com a comida.

Preste atenção ao que estou dizendo aqui. Eu não estou dizendo o que muitos cristãos professos ensinam, e o que muitos não-cristãos alegam que o Cristianismo bíblico ensina. Isto é, não estou dizendo que o homem natural é racional e que a revelação bíblica é irracional, de forma que para “entender” a revelação, uma pessoa deve exercer a “fé” para aceitar algo que é irracional. Isso é uma má representação do Cristianismo bíblico, embora seja também uma que tem sido ensinada por muitos cristãos professos.

Então, tome cuidado para entender o que acontece em nossa passagem, e observe o que Jesus diz. Ele não diz que os discípulos falharam em entender porque eles eram muito racionais, de forma que eles deveriam se tornar irracionais pela fé. Não! Ele diz que se a fé deles fosse mais forte, eles levariam em consideração os milagres anteriores e perceberiam que a comida nunca seria um problema para Jesus, de forma que quando ele fala sobre o fermento dos fariseus e saduceus, ele não poderia estar se referindo ao alimento físico.

Em outras palavras, é precisamente uma falta de fé e não uma abundância de fé que os fez irracionais, que os impediu de raciocinar a partir de premissas verdadeiras para a conclusão necessária deles, que os atrapalhou em perceber e entender a verdade. Essa é

uma das razões pelas quais uma pessoa que carece de fé não pode raciocinar corretamente sobre as coisas espirituais. Ela não pode empregar as premissas necessárias em suas deduções enquanto essas premissas foram proposições espirituais. Sua mente não pode processá-las. Não é que as coisas espirituais sejam irracionais, mas o problema é que a sua mente é deficiente.

Certamente, o problema não está limitado ao raciocínio sobre as coisas espirituais, pois o pecado deu um golpe debilitante na capacidade do incrédulo de raciocinar sobre as coisas naturais também. Mesmo que ignoremos isso por ora, e mesmo que assumamos que o incrédulo pode raciocinar sobre as coisas naturais perfeitamente, ainda devemos apontar que, na realidade, é impossível raciocinar corretamente sobre qualquer coisa sem levar em conta as realidades espirituais e as premissas espirituais.

Quer estejamos falando sobre física, política, literatura, ou até mesmo esporte, as obras de Deus permeiam tudo, e, portanto, quando uma pessoa que não tem entendimento espiritual tenta raciocinar sobre algo – qualquer coisa – ela está condenada ao fracasso desde o início. Isso explica o porquê um cristão pode encontrar até mesmo um não-cristão muito instruído extremamente deficiente no intelecto. Um não-cristão está errado sobre *tudo*, desde a menor coisa, e assim, um homem espiritual tenderá a achá-lo irritantemente estúpido. E quanto mais perceptivo um homem espiritual for, mais ele sofrerá com isso. Ele diz com Cristo: “Vocês ainda são tão estúpidos?” (Mateus 15:16, NIV),<sup>8</sup> e explica em frustração: “Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei com vocês? Até quando terei que suportá-los?” (Mateus 17:17).

Mateus 16:13-17 também é relevante para o nosso propósito, mas como várias outras passagens que devemos examinar, teremos que pular essa.

Nos movendo para Lucas 18:31-34, lemos o seguinte:

Jesus chamou à parte os Doze e lhes disse: “Estamos subindo para Jerusalém, e tudo o que está escrito pelos profetas acerca do Filho do homem se cumprirá. Ele será entregue aos gentios que zombarão dele, o insultarão, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. No terceiro dia ele ressuscitará”.

Os discípulos não entenderam nada dessas coisas. O significado dessas palavras lhes estava oculto, e eles não sabiam do que ele estava falando.

Isso não é incrível? E isso não prova nosso ponto, ou seja, que uma pessoa pode ser tão estúpida sobre as coisas espirituais como Nicodemos parece ser em João 3? Ele pode até mesmo ser um erudito bíblico, mas sem a iluminação do Espírito, não pode haver nenhum entendimento. Aqui Jesus diz aos seus discípulos clara e diretamente, sem usar figuras de linguagem, sobre o que lhe aconteceria. Mas “os discípulos não entenderam nada dessas coisas”.

Esse é o porquê eu me impressiono com aqueles comentaristas cuja interpretação de João 3:4 depende da recusa deles em crer que Nicodemos poderia ser tão espiritualmente estúpido como ele parece. Essas pessoas não têm nenhum discernimento sobre a condição espiritual do homem. A verdade é que, dependendo do tipo de audiência a qual alguém está se dirigindo, algumas vezes um ministro descobrirá que a maioria dos seus ouvintes são tão espiritualmente estúpidos como Nicodemos e os discípulos. Eles não entenderão a despeito de quão claramente você lhes diga o que

<sup>8</sup> Nota do tradutor: A NVI trás “Será que vocês ainda não conseguem entender?”.

você quer dizer. É como se eu fosse dizer para alguém dez vezes, e de diferentes maneiras, “Meu nome é Vincent”, e então a próxima coisa que saísse de sua boca fosse: “Mas qual é o seu nome?”.

Se você tem sido um cristão por muito tempo, você deveria saber sobre o que estou falando, e certamente a maioria dos ministros teriam encontrado tais casos. Algumas vezes as pessoas parecem tão estúpidas que, se você não perceber isso, poderá pensar que elas estão pretendendo não entender, e pretendendo ser estúpidas, talvez para te agravar ou enganar. Mas a verdade é que elas realmente não entendem o que você está lhes dizendo. Todavia, a experiência não prova nada, mas os comentaristas deveriam aceitar isso e as muitas outras passagens bíblicas que ilustram o ponto.

Há muitas outras passagens que posso citar, e você pode provavelmente estar pensando em várias. Mas terminemos essa seção com 1 Coríntios 2:14, visto que ele resume competentemente a explicação com respeito à deficiência intelectual do incrédulo: “Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhes são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente”.

O versículo diz que o homem natural, o homem sem o Espírito, “não é capaz de entendê-las”. O homem natural rejeita as verdades espirituais não porque ele seja intelectualmente superior, mas porque ele é intelectualmente inferior, e essa intelectualidade inferior tem uma causa espiritual como sua origem. Como Paulo diz: “Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana” (1 Coríntios 1:25). Esse é o porquê até mesmo o maior intelecto natural ainda é muito débil para captar as verdades espirituais mais simples. Ele é sábio somente de acordo com os padrões humanos (v. 26) – isto é, quando comparado com outros incrédulos, com outros tolos. Mas o cristão recebeu sabedoria de Deus.

Se uma pessoa está surpresa com a falta de entendimento em Nicodemos, se ela pensa que Nicodemos deveria certamente estar mais à frente do que parece, então ela está absolutamente desligada do que a Escritura ensina sobre a condição do homem. Mas aqueles que reconhecem o que a Escritura ensina percebem que Nicodemos já representa o melhor da humanidade não-regenerada. Tanto em aprendizado como na religião, ele representa o melhor que o homem pode alcançar aparte da regeneração, aparte do novo nascimento, e, todavia, ele é exatamente tão superficial e estúpido como ele parece ser. Nesse ponto, Nicodemos ainda é um homem natural, um homem sem o Espírito. Esse é o porquê ele falha em entender, e esse é o porquê ele precisa nascer de novo.

## João 3:5

Os versículos 5-8 consistem da resposta de Jesus à pergunta retórica no versículo 4, onde Nicodemos diz: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?” (ARA). Como temos notado, Nicodemos exhibe uma estupidez espiritual que faz alguns comentaristas tropeçar. Mas antes de tentar explicá-la, devemos perceber que sua resposta não é surpreendente à luz do versículo 3, onde Jesus lhe diz que ele precisa nascer de novo. Apesar de ser um líder religioso, Nicodemos é espiritualmente estúpido porque ele ainda é um homem natural, um homem não-regenerado, e esse é precisamente o porquê Jesus lhe fala sobre esse novo nascimento do alto.

Em resposta ao que Nicodemos diz no versículo 4, Jesus agora explica mais detalhadamente o que ele quer dizer por nascer de novo. Ele diz: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: ‘É necessário que vocês nasçam de novo’. O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito”.

Jesus não mudou o assunto, mas ele está expandindo o versículo 3 à luz do versículo 4. Isto é, ele está explicando com detalhes o que ele quer dizer por nascer de novo, e porquê alguém precisa nascer de novo, à luz da resposta no versículo 4 de Nicodemos, o qual não parece ter entendido o que Jesus diz no versículo 3. Esse ponto é importante porque ele nos diz que embora Jesus use diversos termos diferentes aqui, especialmente nos versículos 5 e 6, ele ainda está falando sobre a mesma coisa. As mudanças nos termos têm a intenção de clarificar a declaração do versículo 3.

Com isso em mente, vemos que ele diz no versículo 5: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito”. Enquanto ele diz “ninguém pode *ver* o reino de Deus” no versículo 3, aqui ele diz “ninguém pode *entrar* no reino”. Mas essas duas expressões referem-se à mesma coisa. O significado é que ninguém pode ser salvo, ninguém pode se tornar aceitável a Deus e entrar no céu, a menos que ele nasça de novo.

Então, enquanto ele diz “se não *nascer de novo*” no versículo 3, aqui ele diz “se não *nascer da água e do Espírito*”. Há várias opiniões sobre o que Jesus quer dizer pela expressão “nascer da água e do Espírito”. Em particular, o problema é o que ele quer dizer por “água”.

Seria requerido mais do que algumas páginas para fornecer um relato completo dos vários argumentos, mas isso tornaria a nossa presente discussão muito enfadonha. Vamos ver se podemos considerar rapidamente as opções mais importantes e chegar a uma conclusão confiável sem entrar muito nos detalhes. Alguns dos argumentos oferecidos pelas várias posições apelam à fontes extra-bíblicas, mas visto que não podemos considerá-la autoritativas, e visto que devemos manter nossa discussão breve, eu não tratarei com elas aqui. Pelo contrário, eu me focarei sobre o que podemos derivar da nossa passagem, bem como de outras partes da Bíblia. Não somente esse procedimento originará uma conclusão mais confiável, mas também limitará o comprimento da discussão.

Uma interpretação é que por “água”, Jesus se refere ao nascimento físico. Conseqüentemente, o significado da expressão é que, para entrar no reino de Deus, uma pessoa deve passar tanto pelo nascimento físico como espiritual. Em outras palavras, o nascimento físico não é suficiente, mas uma pessoa deve adicionar ao nascimento físico um nascimento espiritual para entrar no reino de Deus.

A teologia nessa interpretação está correta, mas a questão é se é isso o que a nossa passagem ensina. No versículo 4, Nicodemos entende incorretamente que por “nascer de novo” Jesus está se referindo a uma repetição do nascimento físico. Ou novamente, pode ser que ele não assuma que Jesus está afirmando isso, mas dada sua falta de entendimento espiritual, essa é a única forma que ele pode interpretar a declaração, isto é, como se referindo a uma repetição do nascimento físico.

Essa primeira interpretação do versículo 5 teria Jesus reconhecendo o nascimento físico de uma pessoa, mas então procederia para explicar que ele está se referindo a alguma outra coisa além e adicional ao nascimento físico, isto é, um nascimento espiritual. O versículo 6 não parece contradizer esse entendimento: “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito”.

Há razões para rejeitar essa visão. Como temos observado, o versículo 5 corresponde ao versículo 3 e explica com mais detalhes o mesmo, mas essa interpretação de “nascer da água e do Espírito” não é um paralelo a “nascer de novo”. Se “nascer... do Espírito” no versículo 5 corresponde a “nascer de novo” no versículo 3, então para o versículo 5 ser verdadeiramente paralelo ao versículo 3, o versículo 3 deveria dizer: “nascer e nascer de novo”, ao invés de simplesmente “nascer de novo”.

Também, há somente um “de” para “água” e “o Espírito”,<sup>9</sup> sugerindo que Jesus está se referindo a um único nascimento no versículo 5, e não dois nascimentos. Isso é reconhecido por muitas traduções modernas, mas é obscurecida pela KJV, na qual lemos: “nascido *da* água e *do* Espírito”. De fato, não deveria haver nenhum artigo antes de “Espírito”, de forma que uma tradução mais literal seria: “nascido da água e Espírito”. A tradução de Lattimore é: “nascido a partir da água e Espírito”. Um comentarista que percebe a unidade entre “água” e “Espírito” nessa expressão sugere “nascido de água-Espírito”.

Quanto ao versículo 6, ali Jesus não diz “você deve nascer da carne, e você deve nascer do Espírito”, como se ele estivesse positivamente encorajando ambos. Antes, por toda a passagem ele está apenas encorajando um nascimento espiritual – certamente, o nascimento físico já tinha acontecido. O versículo 6 meramente contrasta os dois para enfatizar sobre o que Jesus está realmente falando. Ele está dizendo que carne é carne, espírito é espírito, de forma que precisamos do último para produzir vida espiritual. É um caso de carne versus espírito, ou a inferioridade da carne e superioridade do espírito, e não um caso de carne e espírito trabalhando juntos para trazer um homem ao reino de Deus.

Isso nos trás de volta ao versículo 5. Como o versículo 3, Jesus refere-se a uma pessoa que já nasceu no sentido físico, carnal. Se essa pessoa não tivesse nascido na carne, então ela nem mesmo precisaria entrar no reino de Deus, pois ela não existiria de forma

---

<sup>9</sup> Nota do tradutor: A versão do autor, ou seja, a NIV, traz a expressão da seguinte forma: “Born of water and the Spirit”. Uma tradução literal seria: “Nascido da água e Espírito”.

alguma!<sup>10</sup> Mas ele está dizendo a Nicodemos o que deve acontecer a uma pessoa (já nascida no sentido físico) para que ela entre no reino de Deus. É necessário uma pessoa passar pelo nascimento espiritual para ver ou entrar no reino, mas o nascimento espiritual nem mesmo se aplicaria a uma pessoa que não nasceu na carne, visto que, antes de tudo, tal pessoa nem mesmo existe para precisar de tal nascimento espiritual.

Então, outro argumento contra essa visão é que João não usa o termo “água” em João 1:13 quando ele se refere ao nascimento físico.

Uma segunda interpretação é que por “água”, Jesus está falando sobre batismo com água. Aqueles que sustentam essa visão estão divididos entre se Jesus está se referindo ao batismo de João ou ao batismo cristão. Para o nosso propósito, não precisamos fazer essa distinção, mas trataremos com a visão de que “água” aqui se refere ao batismo em geral.

Nossos argumentos anteriores também se aplicam a essa interpretação. Visto que o versículo 5 corresponde ao versículo 3, tornar água e espírito em dois elementos distintos no versículo 5 quebraria o paralelo entre esses dois versículos. Também, embora seja possível inferir a partir do versículo 3 que Jesus está falando sobre um nascimento espiritual (nascer “de novo” significa nascer “do alto”), não há nenhuma forma de inferir batismo a partir do versículo, ou simplesmente a partir do termo “nascer de novo”. Em vários outros lugares onde Jesus refere-se a esse nascimento espiritual em nossa passagem, não há nada que possa ser interpretado como uma referência ao batismo com água, mas ele usa expressões tais como “nascer de novo”, “o que nasce do Espírito é espírito”, “nascidos do Espírito”.

Até onde estou ciente, a Bíblia em nenhum outro lugar se refere ao batismo como um nascimento (ou como produzindo um nascimento). Por causa da clareza, e para evitar um argumento circular, eu admitirei que se esse versículo estivesse falando sobre batismo com água, então esse seria um exemplo no qual a Bíblia se refere ao batismo como um nascimento. Assim, para ser preciso, estou dizendo que, ignorando nosso versículo por um momento, parece que não há nenhum *outro* lugar na Bíblia que se refira ao batismo como um nascimento. Mas mesmo que a Bíblia falasse de batismo como um nascimento em outro lugar, nossos outros argumentos mostram que batismo não se encaixa nesse versículo.

Essa interpretação, a que diz que “água” refere-se a batismo aqui, vai contra a ênfase inteira da passagem, que enfatiza a ação de Deus ao dar nascimento espiritual àqueles que verão e entrarão no seu reino. Nos versículos 3, 6, 7 e 8, há expressões como “nascer de novo (do alto)”, “o que nasce do Espírito”, “é necessário que vocês nasçam de novo (do alto)”, e “nascidos do Espírito”. Assim, seria inconsistente encontrar Jesus aqui declarando o batismo com água – algo realizado por um homem – como uma condição crucial para a entrada de alguém no reino. Isso pareceria subverter o que ele enfatiza nos outros versículos, e se opor à direção para a qual suas declarações estão apontando. Por outro lado, se o versículo 5 também enfatiza a ação de Deus somente, então há perfeita coerência. Mas se o versículo 5 de fato enfatiza as ações de Deus somente, então a “água” no versículo não pode se referir ao batismo.

---

<sup>10</sup> Certamente, o feto já existe e é plenamente humano antes dele sair do útero. O ponto é que o nascimento espiritual se aplica a uma pessoa (no útero ou não) somente após ela estar “na carne”; de outra forma, não haveria nenhuma pessoa a quem aplicarmos o nascimento espiritual.



A interpretação correta é que Jesus está falando sobre um único nascimento. O nascimento físico é assumido, e esse é o porquê o nascimento espiritual aplica-se em primeiro lugar. As razões teológicas, gramaticais e contextuais já discutidas acima se aplicam todas aqui como suporte para essa visão, mas não precisamos repeti-las. Ao invés disso, faremos apenas mais um ponto para estabelecer o sentido de “água” no versículo 5.

No versículo 10, Jesus refere-se a Nicodemos como “mestre de Israel”, e por causa disso ele é suposto “entender essas coisas”. Inferimos a partir disso que o Antigo Testamento já continha o que Jesus está ensinando aqui. Com isso em mente, encontramos o seguinte em Ezequiel 36:25-27, onde Deus declara através do profeta:

Aspergirei água pura sobre vocês e ficarão puros; eu os purificarei de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos. Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis.

O que é descrito nessa promessa é consistente com o que Jesus ensina em João 3, e aqui a aplicação de água e espírito é considerada como um ato, e esse um ato deve ser realizado por Deus e não pelo homem. Provavelmente Jesus esperava que Nicodemos recordasse essa passagem e chegasse ao entendimento do que ele quis dizer por “nascer de novo”, ou o que é o equivalente, “nascer da água e do Espírito”.

Com tudo isso dito sobre o que significa nascer da água e do espírito, eu não quero que ninguém perca de vista sobre o que a nossa passagem realmente é, o que Jesus realmente está nos dizendo, e isso é: “É necessário que vocês nasçam de novo”. A menos que uma pessoa seja nascida de novo, ou nascida do alto, e a menos que Deus aspirja essa pessoa com água e coloque um novo espírito nela, a mesma nunca entrará no reino do céu.

Portanto, quando você avalia a condição da sua alma, a primeira pergunta a fazer a si mesmo não é se você fez uma decisão de reformar sua vida, ou se você repetiu uma oração de salvação, mas a questão é se Deus realizou essa ação purificadora em você, se ele lhe deu nascimento no espírito, e se ele assim lhe adotou através de Jesus Cristo.

## João 3:6-7

Nós devotamos um pequeno capítulo ao versículo 5 para esclarecer a expressão “nascer da água e do Espírito”. Mas os versículos 5-8 constituem uma unidade. Eles são a resposta de Jesus ao que Nicodemos diz no versículo 4, e vem antes de Nicodemos falar novamente no versículo 9. Assim, leiamos esses versículos novamente: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: ‘É necessário que vocês nasçam de novo.’ O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito”.

Visto que temos tratado com o versículo 5, agora nos voltaremos para o versículo 6, que é a porção que diz: “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito”. Tenha em mente que isso continua a resposta de Jesus ao que Nicodemos diz no versículo 4: “Como alguém pode nascer, sendo velho? É claro que não pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e renascer!”. A relevância do que Jesus diz aqui é de fato óbvia, a medida que ele está explicando o que ele diz no versículo 3 à luz da resposta desapontadora de Nicodemos.

Paulo regularmente usa a palavra “carne” num sentido que mantém a depravação do homem na dianteira, de forma que a NIV até mesmo a traduz como “natureza pecaminosa”. Mas João frequentemente a usa com uma ênfase diferente. A saber, não é a pecaminosidade dela que João enfatiza, mas a fraqueza, especialmente quando diz respeito às coisas espirituais.

Por exemplo, Jesus diz em João 6:63: “O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que eu lhes disse são espírito e vida”. O versículo fala do que o Espírito pode fazer que a carne não pode, mas a ênfase não está sobre a pecaminosidade da carne. João 1:13 menciona “a vontade da carne” (KJV, NASB). Novamente, “carne” aqui refere-se ao que é natural ou físico, e não necessariamente ao que é pecaminoso. Certamente o homem é pecador, e certamente Jesus reconhece isso, mas estamos observando o significado preciso que João tinha em mente quando ele usa a palavra “carne”.

João lembra Nicodemos que há duas categorias básicas de realidade, ou dois reinos de existência. Eles são a carne e o espírito, e cada um dá nascimento segundo a sua espécie, de forma que a carne produz carne e o espírito produz espírito. Esse sendo o caso, uma pessoa que é nascida da carne tem a vida da carne, mas ela não tem nenhuma vida espiritual. Ela pode melhorar a carne, educar a carne, e disfarçá-la, mas ainda é carne, e permanece espiritualmente sem vida e impotente.

Não importa o que você faça com a carne, você não pode torná-la em espírito. Em outras palavras, a diferença entre carne e espírito não é uma de grau, mas uma de tipo ou categoria. Portanto, não importa, como a questão retórica no versículo 3 sugere, que um homem passe por um segundo nascimento da carne. Ele poderia fazer isso milhares de vezes e ainda permaneceria sendo carne. Ele ainda não teria nenhuma vida espiritual. Para haver vida espiritual, ele deve ser nascido do Espírito.

Uma preocupação central nos Evangelhos, incluindo este, é mostrar que o povo judeu não devia confiar na linhagem natural deles como garantia para salvação. Eles tendiam a pensar que tinham um favor especial com Deus porque eles eram os descendentes naturais de Abraão. Mas João corrige isso declarando que Deus tinha escolhido pessoas de todo o mundo (v. 16), e não apenas o povo de Israel.

Em adição, por toda a parte ele mostra que os judeus tinham entendido incorretamente o que significava ser os filhos de Abraão em primeiro lugar. Ilustraremos isso a partir de um episódio em João 8, embora tenhamos tempo para citar somente uma parte dele:

“Abraão é o nosso pai”, responderam eles.

Disse Jesus: “Se vocês fossem filhos de Abraão, fariam as obras que Abraão fez. Mas vocês estão procurando matar-me, sendo que eu lhes falei a verdade que ouvi de Deus; Abraão não agiu assim. Vocês estão fazendo as obras do pai de vocês”.

Protestaram eles: “Nós não somos filhos ilegítimos. O único Pai que temos é Deus”.

Disse-lhes Jesus: “Se Deus fosse o Pai de vocês, vocês me amariam, pois eu vim de Deus e agora estou aqui. Eu não vim por mim mesmo, mas ele me enviou. Por que a minha linguagem não é clara para vocês? Porque são incapazes de ouvir o que eu digo. “Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira. No entanto, vocês não crêem em mim, porque lhes digo a verdade! Qual de vocês pode me acusar de algum pecado? Se estou falando a verdade, porque vocês não crêem em mim? Aquele que pertence a Deus ouve o que Deus diz. Vocês não o ouvem porque não pertencem a Deus” (v. 39-47).

Sem dúvida podemos produzir uma exposição sobre esses versículos quase tão longa como a que estamos fazendo. Mas para aquele a quem foi dado o ver e ouvir as coisas do Espírito, o que Jesus diz aqui é muito claro e óbvio. Você vê isso? Você pode ouvir isso?

Eles dizem, “Abraão é o nosso pai”, e Jesus não nega isso (8:37), mas como ele disse em outro lugar: “a carne não produz nada que se aproveite” (6:63). Certamente eles eram os descendentes naturais de Abraão, mas eles eram como Abraão? Eles criam nas mesmas coisas, exibiam as mesmas características, e realizavam as mesmas obras? Eles receberam o Filho de Deus com satisfação e reverência, como Abraão faria? Não, eles estavam prontos para matar o Filho de Deus. Eles não pareciam nada com Abraão.

Assim, eles afirmam: “O único Pai que temos é Deus”. Mas Jesus os traz de volta ao mesmo ponto: Eles eram de alguma forma parecidos com Deus? Eles criam no que ele lhes dizia? Eles exibiam suas características? Eles realizavam suas obras?

Agora aqui acontece algo muito interessante, algo muito direto, e que se relaciona com a nossa exposição sobre João 3:4 sobre estupidez espiritual. Jesus diz no versículo 43: “Por que a minha linguagem não é clara para vocês? Porque são incapazes de ouvir o que eu digo”. Por que eles eram incapazes de ouvir? Ele diz: “Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo”. Então, ele continua: “Se estou falando a verdade, porque vocês não crêem em mim? Aquele que pertence a Deus ouve o que Deus diz. Vocês não o ouvem porque não pertencem a Deus”.

Algo pode ser mais claro? Jesus lhes diz a verdade, a verdade sobre as coisas espirituais, usando linguagem simples e direta. Por que eles não entendem? Por que eles não crêem? “Vocês não o ouvem porque não pertencem a Deus”. Aqui está a resposta. O diabo é o pai deles, mas o diabo é um mentiroso, e esse é o porquê eles não podem entender ou crer na verdade. Eles não podem processar algo que a natureza espiritual deles não consegue entender.

Para uma pessoa entender e crer na verdade, ela deve *primeiro* “pertencer a Deus”, isto é, deve ser um filho de Deus ao invés de um filho do diabo. Simplesmente porque eles eram os descendentes naturais de Abraão não fazia deles os descendentes espirituais de Abraão, nem fazia deles os filhos espirituais de Deus. Assim, para crerem no evangelho de Jesus Cristo, Deus devia lhes dar o novo nascimento – eles deviam ser “nascidos de novo”.

Uma pessoa deve primeiro “pertencer a Deus” para crer na verdade, de forma que a regeneração, o novo nascimento, deve vir antes da fé. Isso demole o ensino, tão comum hoje em dia, de que devemos nascer de novo pela fé, que somos nascidos de novo *porque* cremos. Se a condição da sua alma é tal que você pode ter fé, por que você precisa nascer de novo? Jesus diz que essas pessoas tinham o diabo como o pai delas, e não “pertenciam” a Deus, de forma que elas não podiam ter fé. Nós nascemos de novo pelo ato soberano de Deus, completamente aparte da decisão ou esforço humano, e é após nascermos de novo que somos capazes de crer no evangelho. Isso significa que somos inteiramente dependentes da misericórdia de Deus quando diz respeito à salvação.

Paulo ensina a mesma coisa em suas cartas. Ele escreve: “Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à Lei. Deus é Deus apenas dos judeus? Ele não é também o Deus dos gentios? Sim, dos gentios também” (Romanos 2:28-29).

Novamente, não significa nada uma pessoa ser um judeu no sentido meramente externo e físico. De fato, quando diz respeito às coisas espirituais, Paulo declara abertamente que tal pessoa “não é judeu” de forma alguma. O que importa, ele diz, “é a circuncisão do coração”. Isso não é algo iniciado pela decisão humana ou realizada pelo esforço humano, mas é feito “pelo Espírito”. Assim, Paulo está apenas dizendo de uma maneira diferente a mesma coisa que é ensinada no evangelho de João. Carne é carne, espírito é espírito. Um homem pode entrar no reino do céu, pode crer no evangelho, somente quando ele “nascer de novo” pelo Espírito, e somente quando o Espírito agir diretamente dentro dele e realizar o que Paulo chama de “a circuncisão do coração”.

Isso não deveria ser uma informação nova para Nicodemos, pois o ensino já está presente no Antigo Testamento. Assim, Jesus diz no versículo 7: “Não se surpreenda

[você] pelo fato de eu ter dito: ‘É necessário que vocês nasçam de novo’’. Aqui ele não limita a necessidade de regeneração à Nicodemos. O primeiro “você” está no singular, mas a segunda ocorrência está no plural. A NIV indica isso nas notas marginais (também a NLT, HCSB, NRSV), embora essa informação esteja ausente de outras traduções (KJV, ESV, NASB). Algumas traduções escolhem incluir isso no texto principal. Essas incluem a GNT (“*Todos* vocês devem nascer de novo”), NCV, e REB. O significado é que a regeneração, ser nascido de novo, é uma necessidade universal. O ensino já está expresso de outra forma no versículo 3, onde Jesus diz: “*Ninguém* pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”.

Para parafrasear, Jesus responde o que Nicodemos diz no versículo 4 dizendo: “O que nasce da carne é carne, e o que nasce do espírito é espírito. Você não deveria se surpreender pelo fato de eu dizer que *todos vocês* devem nascer de novo, nascer do alto, ou nascer do Espírito. E isso porque, a menos que cada um de vocês já tenha nascido de novo, todos vocês ainda estão na carne, e possuem somente a vida da carne. Vocês precisam nascer do Espírito para ter a vida do espírito”.

Carne é carne, e espírito é espírito. O homem natural não pode passar da carne para o espírito, visto que essas são categorias ou dimensões diferentes de realidade. Ele deve ser *nascido* do Espírito para ter vida espiritual. E esse é o porquê Jesus disse a Nicodemos: “Vocês, todos vocês, devem nascer de novo”.

## João 3:8

Jesus termina sua explicação do novo nascimento no versículo 8. Devemos lembrar da sua relação com os versículos anteriores. No versículo 3, Jesus declara que uma pessoa deve “nascer de novo”. Quando Nicodemos se maravilha sobre isso no versículo 4, como se ele tomasse o que Jesus diz como uma repetição do nascimento físico, Jesus começa a explicar que carne e espírito são categorias diferentes de realidade, e que quando ele fala sobre ser “nascido de novo” ele está se referindo ao nascimento espiritual.

O versículo 8 continua a revelar ainda mais sobre a natureza desse nascimento espiritual. Ele diz: “O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito”.

A palavra traduzida como “vento” é também a palavra para “espírito”, e antes desse versículo, a palavra foi corretamente traduzida como significando a última. Se fôssemos traduzir a palavra como “Espírito” aqui, o versículo estaria nos dizendo que embora alguém possa observar o efeito da atividade do Espírito, ele não pode detectar diretamente essa atividade. A obra do Espírito não está sujeita à explicação, manipulação ou predição natural.

Isso é coerente com o ensino da passagem, e é de fato o que o próprio versículo pretende ensinar. Mas a dificuldade em traduzir a palavra como “espírito” é que isso implica que uma pessoa pode “ouvir seu som”, ou a “voz” do Espírito. Visto que parece claro que Jesus pretende dizer que um homem pode detectar o efeito, mas não a causa do nascimento espiritual, parece inconsistente dizer que uma pessoa pode detectar diretamente a própria voz do Espírito. Tal tradução também faria com que a conclusão desse versículo não fizesse sentido, “assim acontece com todos os nascidos do Espírito”, e como as duas expressões se relacionam uma com a outra. Também, ela implicaria que até mesmo um homem não-regenerado é capaz de ouvir a voz do Espírito, mas isso parece inconsistente com a passagem e o restante da Escritura.

Portanto, é usualmente concordado que “vento” é a tradução correta, e que Jesus está fazendo uma analogia entre o vento e a obra do Espírito no nascimento espiritual. Além do mais, não seria surpreendente se esse duplo significado de vento e espírito fosse intencional, como já mencionamos que o Evangelho de João usa palavras que carregam múltiplos significados para transmitir idéias teológicas. O versículo faz um bom sentido quando retemos “vento” como a tradução.

Então vem a declaração: “Assim acontece com todos os nascidos do Espírito”. Parece que há duas formas possíveis de entender isso.

Primeiro, ele pode se referir à maneira na qual o nascimento espiritual ocorre. Para parafrasear, Jesus estaria dizendo: “Assim como você pode detectar o efeito do evento, mas não de onde ele vem e para onde ele vai, *dessa maneira* um homem é nascido pelo Espírito”. Ou podemos dizer: “Isso é como acontece com o nascimento espiritual”. Em outras palavras, uma pessoa pode detectar o efeito da obra do Espírito numa pessoa, mas

não a operação do nascimento espiritual em si. O *nascimento* espiritual é como o vento. Essa interpretação é consistente com a passagem e o restante da Bíblia.

Segundo, a declaração pode se referir à própria pessoa nascida de novo. Nesse caso, Jesus estaria dizendo: “Assim como você pode detectar o efeito do vento, mas não de onde ele vem e pra onde ele vai, um homem nascido do Espírito *também é assim*”. Ou podemos dizer: “Isso é como acontece com o nascimento espiritual”. Em outras palavras, assim como uma pessoa pode detectar o efeito do vento, mas não pode entender a fundo a atividade do próprio vento, um homem natural não pode compreender a pessoa que nasceu de novo, ou nasceu do Espírito. O *homem* espiritual é como o vento. Como iremos mostrar, essa interpretação também é consistente com a passagem e o restante da Bíblia.

Descobrimos algo estranho quando nos voltamos para os comentários sobre esse versículo. Embora ambas as interpretações sejam representadas nos aproximadamente trinta comentários que consultei, nenhum deles menciona as duas. Cada escritor favoreceu uma interpretação ou a outra, mas sem oferecer razões para favorecer uma e não a outra. As traduções também estão divididas.

Meu objetivo não é preencher esse vazio ou compensar essa deficiência, mas embora reconhecendo que a primeira interpretação se encaixa naturalmente com o restante do versículo e os versículos anteriores, gostaria de discutir a segunda interpretação no restante desse capítulo. Sua relevância e importância se tornarão em breve óbvias, se já não o foram. Mesmo que alguém considere essa uma interpretação menos apropriada para esse versículo, ela é, todavia, um ensino bíblico declarado no restante da Bíblia. Além do mais, visto que isso está relacionado de alguma forma com o que já mencionamos, esse é um bom lugar para discuti-lo.

Primeiro, mesmo que a primeira interpretação siga mais naturalmente dos versículos anteriores, a segunda interpretação prenuncia uma idéia expressa nos próximos versículos. Para ilustrar, o versículo 11 diz: “Asseguro-lhe que nós falamos do que conhecemos e testemunhamos do que vimos, mas mesmo assim vocês não aceitam o nosso testemunho”. O homem espiritual percebe um reino de realidade sobre o qual o homem natural não sabe nada. Isso é consistente com a idéia de que a pessoa nascida de novo é como o “vento” para o homem natural.

Segundo, essa segunda interpretação complementa o que discutimos anteriormente sobre a estupidez espiritual em conexão com o versículo 4. Porque o homem natural não pode entender as coisas espirituais, nem pode ele entender a pessoa espiritual, isto é, aquele que é nascido do Espírito e anda no Espírito.

Agora, assim como nos voltamos para 1 Coríntios 2 para ajudar o nosso entendimento do versículo 4, quando estávamos considerando a estupidez espiritual de Nicodemos, nos voltamos para lá para vermos o que mais podemos adquirir dali. Na ocasião anterior, lemos a partir do versículo 14, que diz: “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (ARA). A NIV exerce mais liberdade e traduz: “O homem sem o Espírito”.<sup>11</sup> A tradução não é literal, mas oferece o significado correto,

---

<sup>11</sup> Nota do tradutor: “Quem não tem o Espírito” (NVI).

visto que ela observa o contexto dado no versículo 12: “Nós, porém, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus”. Em todo caso, o homem natural é também alguém que não tem o Espírito de Deus.

Nós paramos no versículo 14 da última vez que nos referimos a 1 Coríntios 2, mas Paulo não terminou. O versículo 15 continua: “Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém” (ARA). Há um contexto para essa declaração, e Paulo está tratando com algumas questões específicas aqui. O versículo poderia estar se referindo principalmente a Paulo como o homem espiritual, de forma que ele não estava sujeito ao julgamento dos seus críticos. E assim como ninguém pode instruir ao Senhor, nem pode alguém contradizer aqueles que têm a mente de Cristo, isto é, os apóstolos inspirados (v. 16).

Contudo, permanece o fato de que o versículo 15 declara um princípio geral que pode ser aplicado a todos que são “espirituais”, ou todos que receberam o Espírito de Deus. E assim como ninguém pode julgar o apóstolo que recebe revelação infalível do Espírito, e que possui a própria mente de Cristo, nenhum incrédulo pode julgar o cristão que nasceu do Espírito e que agora anda no Espírito. Assim como o apóstolo não está sujeito ao julgamento dos seus críticos, aqueles que crêem e pregam a mensagem do apóstolo não estão sujeitos ao julgamento daqueles que não fazem isso.

Jesus diz que a carne é carne e o espírito é espírito, e alguém que nasceu na carne deve nascer também no espírito para entrar no reino do céu. Nós herdamos a vida da carne nascendo na carne, e a vida do espírito nascendo do Espírito. A diferença não é uma de grau, mas de categoria. Isso significa que, embora o cristão viva no reino do espírito, o incrédulo é ignorante de toda essa dimensão de realidade. Como então o incrédulo pode fazer uma avaliação do cristão?

Por outro lado, o cristão está em contato tanto com a carne como com o espírito.<sup>12</sup> Ele está ciente de ambas as dimensões de realidade – ele nasceu para ambas, e vive em ambas. Portanto, o cristão, o homem espiritual, pode julgar ou discernir “todas as coisas”. O *cristão* pode entender e avaliar tanto o cristão como o não-cristão, mas o *não-cristão* não pode entender e avaliar o cristão.

Como um cristão, eu sou capaz de entender tanto as pessoas e perspectivas cristãs como as não-cristãs, e posso avaliar e falar sobre ambas com autoridade. Mas o não-cristão permanece silente, especialmente quando diz respeito a questões da fé e do espírito. Além do mais, como já mencionamos, visto que o espiritual penetra todas as coisas e governa o reino da carne, o incrédulo não pode nem mesmo falar sobre as coisas da carne com autoridade, mas somente o cristão pode fazer isso.

Assim, quando eu rejeito a incredulidade em favor da fé em Cristo, isso não é porque eu não entendo a incredulidade ou as razões e escusas que o não-cristão dá para ela. Eu sou um cristão não porque meu julgamento tem sido nebuloso, mas porque eu fui iluminado pela graça soberana de Deus. E quando eu rejeito a impiedade em favor da justiça, não é porque eu não entenda a impiedade, mas porque eu entendo a impiedade e o porquê o incrédulo transgredir. Eu posso criticar e refutar a incredulidade, e posso condenar a

---

<sup>12</sup> Lembre-se, nos escritos de João, “carne” não denota necessariamente algo pecaminoso, mas somente o que é natural e físico.



impiedade, mas o incrédulo não pode dizer nada sobre fé e justiça. Eu conheço ele mais do que ele a si mesmo, mas ele não me conhece e não tem nenhum direito de me avaliar.

Isso não é de forma alguma uma questão de experiência, mas de nascimento. Para usar uma analogia, embora ela seja limitada e possa ser enganosa se tomada fora do seu contexto imediato, eu não estou dizendo que eu sou um americano que *visitou* a Grã-Bretanha, mas sim que eu *nasci* num país, e então *nasci* “de novo” em outro. Assim, eu sou nativo em ambos os países. Eu entendo as coisas da carne porque eu nasci na carne, e eu entendo as coisas do espírito porque eu nasci no espírito.

Assim, não é que o cristão pode entender e avaliar o não-cristão porque ele foi um não-cristão. Não, essa não é uma questão de experiência, mas uma questão de faculdade. De fato, a razão pela qual uma pessoa entende a experiência em qualquer reino é porque ela tem a faculdade para processá-la em primeiro lugar. Você pode colocar uma pedra numa universidade e ela ainda não será capaz de lhe dizer o que é semelhante a escrever uma palavra num papel ou sentar-se até o final de uma palestra.

Um homem natural é espiritualmente morto, de forma que ele pode exercer somente as faculdades naturais. Quando ele encontra o homem espiritual, ele usa categorias naturais para descrevê-lo, e assim ele está sempre errado. E até mesmo o homem natural requer categorias espirituais para ser descrito – incluindo, por exemplo, o conceito bíblico de pecado – de forma que o homem natural, o não-cristão, não pode nem mesmo se conhecer. Mas o homem espiritual pode avaliar o homem natural com conhecimento e autoridade.

Isso não é um absurdo místico, mas afeta todos os aspectos da interação e aprendizado humano. Por exemplo, ocasionalmente alguém irá publicar uma perspectiva psicológica sobre a fé e a religião. Nossa discussão acima implica que se o escritor for um não-cristão, ele sempre estará errado. Um não-cristão não pode nem mesmo escrever um relato histórico correto do Cristianismo. Isso é impossível, visto que são necessárias categorias de pensamento que são estranhas a ele e rejeitadas por ele.

O incrédulo não pode nem mesmo entender e avaliar os aderentes das religiões não-cristãs. Isso é porque embora todas as religiões não-cristãs sejam falsas e, portanto, naturais, ao invés de espirituais, ainda requer-se categorias espirituais para explicar a verdadeira natureza delas, tais como idolatria, rebelião, incredulidade e engano.

Uma galinha pode tentar analisar outra galinha que está pretendendo ser uma águia, mas visto que nenhuma galinha sabe algo sobre águias, o projeto é fútil. Por outro lado, alguém que conheça tanto galinhas como águias pode, com conhecimento e autoridade, falar sobre a águia, a primeira galinha, e sobre outras galinhas que estejam pretendendo ser uma águia. Assim, a opinião de um não-cristão sobre *qualquer coisa* é errada e inútil, mas isso é verdadeiro especialmente quando diz respeito às coisas e pessoas espirituais.

Embora a primeira interpretação também pareça se encaixar bem com a passagem, é mais do que possível que o exposto acima seja o que Jesus pretendeu transmitir no final de João 3:8. Carson escreve: “A pessoa que é ‘nascida do Espírito’ não pode ser

controlada nem entendida por pessoas de apenas um nascimento”.<sup>13</sup> Da mesma forma, Morris diz: “Como é o vento, assim é alguém que nasceu do Espírito. A pessoa que carece de vida espiritual pode ter contato com tal pessoa, mas não conhece a origem da vida dela nem o seu destino final”.<sup>14</sup> Em todo caso, ambas as interpretações representam ensinamentos escriturísticos que devem ser afirmados.

---

<sup>13</sup> Carson, p. 197.

<sup>14</sup> Leon Morris, *The Gospel According to John*, The New International Commentary on the New Testament (William B. Eerdmans Publishing Company, 1995), p. 195.

## João 3:9-13

Nós temos visto que, a menos que Deus soberanamente dê vida espiritual a uma pessoa, ela não pode ver ou entrar no reino do céu. As coisas e pessoas espirituais permanecerão incompreensíveis para ela, não porque essas coisas são irracionais, mas porque o homem natural carece da faculdade para processar e entender as proposições espirituais. As coisas espirituais parecem loucas para o homem natural, pois o homem natural é louco quando diz respeito às coisas espirituais.

Como observado, os versículos 5-8 representam a resposta de Jesus à pergunta retórica de Nicodemos no versículo 4, o que, conseqüentemente, indica o fracasso do fariseu em entender o que Jesus diz sobre ser “nascido de novo” no versículo 3. No versículo 5-8, Jesus corrige o mal-entendimento fazendo uma distinção entre carne e espírito, e então explicando que ele está se referindo a uma nascimento espiritual quando ele fala sobre a necessidade de uma pessoa ser “nascida de novo” ou “nascida do alto”.

O versículo 9 captura a reação do fariseu. Nesse ponto, ele ainda não recebeu a iluminação do Espírito, de forma que após ouvir a explicação nos versículos 5-8, ele permanece perplexo e pergunta: “Como pode ser isso?”. Uma pessoa pode se maravilhar com a sua estupidez espiritual, mas à luz da nossa discussão anterior sobre o versículo 4, não há nenhuma escusa para achar difícil crer nisso. Nicodemos é de fato tão estúpido quanto parece. Hendriksen observa: “Torna-se muito claro que esse líder religioso carecia do conhecimento mais elementar do caminho da salvação. Desde o início seu treinamento farisaico parece tê-lo feito imune à apreensão espiritual”.<sup>15</sup>

Jesus respondeu: “Você é mestre em Israel e não entende essas coisas?” (v. 10). Ele chama Nicodemos literalmente de “o mestre de Israel” (NASB, NKJ, ESV). Isso não quer dizer que Nicodemos era o único mestre da lei em Israel, mas ele era um mestre de alta posição, talvez um dos mais proeminentes. Assim, ele deve ser repreendido por ser um dos eruditos mais bem treinados e proeminentes da região, mas ao mesmo tempo fracassar em entender as verdades espirituais mais básicas. Podemos dificilmente esperar que ele ensine ao seu povo o evangelho bíblico da salvação.

Não ouvimos mais nada de Nicodemos. Mas Jesus continua: “Asseguro-lhe que nós falamos do que conhecemos e testemunhamos do que vimos, mas mesmo assim vocês não aceitam o nosso testemunho. Eu lhes falei de coisas terrenas e vocês não creram; como crerão se lhes falar de coisas celestiais? Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do homem” (v. 11-13).

Após enfatizar o que ele estava a ponto de dizer com “asseguro-lhe”, Jesus muda para o plural e refere-se ao que *nós* falamos, ao que *nós* conhecemos, ao que *nós* testemunhamos, e ao que *nós* vimos. O “nós” possui um problema de interpretação para alguns, mas a dificuldade tem sido exagerada.

---

<sup>15</sup> William Hendriksen, *The Gospel According to John, Vol. 1* (Baken Book House, 1953), p. 135.

Primeiro, devemos rejeitar a sugestão de que João aqui introduz um anacronismo às palavras de Jesus. Além de implicar uma negação da inspiração da Escritura, isso é inconsistente com a forma como o apóstolo escreve no restante do Evangelho. Como Carson observa: “João é persistentemente cuidadoso em distinguir entre o que os discípulos entenderam durante o ministério de Jesus e o que eles entenderam somente mais tarde”.<sup>16</sup>

Outra interpretação é que Jesus está se referindo a si mesmo e aos seus discípulos como um grupo. Assim, o significado seria que a comunidade de Jesus fala com conhecimento e autoridade sobre as questões espirituais, enquanto a comunidade de Nicodemos rejeita esse testemunho.

Carson pensa que isso é improvável, pois “nesse ponto da peregrinação deles, os discípulos não poderiam ser descritos como falando do que eles conheciam e testemunham do que eles tinham visto”.<sup>17</sup> Isso é suficientemente verdadeiro, mas não exclui a segunda interpretação, pois como os discípulos eram seguidores próximos daquele que verdadeiramente conhecia e falava com autoridade, então há de fato um sentido no qual é apropriado para Jesus se referir ao grupo inteiro como uma unidade, especialmente em contraste com a comunidade de Nicodemos.

Então, Carson sugere que: “A explicação mais simples para os plurais nesse versículo é que Jesus está sardonicamente imitando o plural que Nicodemos usou quando se aproximou de Jesus”.<sup>18</sup> Os plurais aqui de fato fazem o versículo corresponder aos plurais nos versículos anteriores (v. 2, 7), mas é desnecessário sugerir que Jesus usa-os “sardonicamente”, especialmente se há alguma verdade na segunda interpretação mencionada acima. Onde os plurais são usados, deveríamos observar também que Jesus não está falando somente a “você” no versículo 11, mas ao “seu povo”. Isto é, seus comentários são direcionados ao povo identificado pelo “nós” no versículo 2 e pelo plural “vocês” no versículo 7.

Em todo caso, se nos tornarmos fascinados com os plurais, falharemos em entender o restante da unidade, visto que Jesus volta para o plural no versículo 12. Ele diz: “Eu lhes falei de coisas terrenas e vocês não creram; como crerão se lhes falar de coisas celestiais?”. Isso implica que o que Jesus estava dizendo até aqui pertencia à categoria de “coisas terrenas”. Certamente o novo nascimento, sendo um nascido “do alto”, é celestial em sua natureza e sua origem, mas é “terreno” no sentido de que ele é algo que acontece às pessoas na terra. Agora, se Nicodemos e sua companhia não podiam crer quando Jesus lhes falou sobre o que Deus faz na terra, eles achariam ainda mais difícil crer no que ele diz sobre o que acontece no céu.

O versículo 13 é o que faz sentido dos versículos 11 e 12. Ele diz: “Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do homem”. Não temos tempo para tratar das questões técnicas envolvidas, e assim, apenas oferecerei uma paráfrase do versículo: “Ninguém jamais ascendeu ao céu (e desceu dele) para te falar sobre assuntos celestiais, exceto o Filho do homem, que veio do céu para te falar sobre essas coisas”. O “Filho do homem” é um termo tomado de Daniel 7:13-14, e refere-se ao Messias prometido, Jesus Cristo.

---

<sup>16</sup> Carson, p. 198.

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> Ibid., p. 198-199.

O versículo 13 faz sentido dos versículos 11 e 12 porque ele explica quem é que conhece, porquê ele conhece, e porquê as pessoas deveriam crer nele. Nicodemos e sua companhia (v. 2, 7) deveria crer no que Jesus diz sobre os assuntos celestiais porque Jesus veio do céu! A frase “do que vimos” no versículo 11, não pode, assim, referir-se à observação empírica – Nicodemos e seus amigos também tinham estado observando Jesus (v. 2), e, todavia, eles nem estendiam as coisas espirituais, nem criam no testemunho da verdade.<sup>19</sup> Não, “do que vimos” refere-se principalmente ao conhecimento direto de Jesus sobre assuntos espirituais, e é sobre isso que ele testemunha em seu ministério.

Isso explica também o porquê Jesus pode usar “nós” no versículo 11. Embora os discípulos pudessem não ter ainda um conhecimento direto sobre as coisas espirituais, eles tinham se identificado com Cristo seguindo-o. Não é como se cada um deles tivesse um testemunho similar sobre os assuntos espirituais baseado num conhecimento imediato do céu, mas que eles – assim como nós agora – testificavam sobre a revelação de Jesus Cristo.

Se a segunda interpretação do versículo 11 é improvável *porque* “nesse ponto da peregrinação deles, os discípulos não poderiam ser descritos como falando do que eles conheciam e testemunham do que eles tinham visto”, então eles nunca foram capazes de testemunhar no sentido que Jesus está falando aqui. Isso porque o versículo 13 nos diz o que Jesus quis dizer no versículo 11, e ele quis dizer um conhecimento direto do céu. No tempo em que os discípulos ganharam tal conhecimento, e no tempo em que eles o alcançaram no mesmo sentido daquele referido no versículo 13, eles já estavam no céu, e nunca ouviríamos algo deles novamente! A exceção é 2 Coríntios 12, mas o que foi revelado naquela experiência, “ao homem não é permitido falar” (v. 4). E se há outras exceções, certamente elas são exceções. Meu ponto é que a razão para Carson rejeitar a segunda interpretação do versículo 11 é talvez muito restritiva.

Novamente, não queremos pegar um ou dois detalhes, mas perder o propósito total da passagem, de forma que revisaremos os versículos 9-13 como um todo. Até aqui Nicodemos tinha se maravilhado duas vezes com o que Jesus lhe disse sobre regeneração, o nascimento celestial que todos necessitam para entrar no reino de Deus. Assim, Jesus dá sua avaliação da situação. Como alguém que tinha vindo do céu, ele tinha conhecimento verdadeiro e direto sobre os assuntos celestiais. Portanto, seu testemunho sobre as obras de Deus é verdadeiro, e ele fala com autoridade sobre as coisas espirituais.

Como eruditos treinados e líderes religiosos, Nicodemos e seus colegas pareciam estar na melhor posição para entender e crer nesse testemunho, mas ao invés disso eles entenderam erroneamente e não acreditaram nele. Isso, conseqüentemente, enfatiza a necessidade da regeneração, pois a menos que uma pessoa nasça de novo, ou nasça do alto, ela não pode ver nem entrar no reino de Deus.

---

<sup>19</sup> Jesus usa uma linguagem similar em João 8:38: “ Eu lhes estou dizendo o que vi na presença do Pai, e vocês fazem o que ouviram do pai de vocês”. O ensino de Jesus veio do que ele tinha “visto” *na presença do Pai*, e não do que ele tinha “visto” num sentido físico e empírico. Da mesma forma, a segunda parte do versículo refere-se ao que os judeus tinham aprendido do diabo, mas não é como se eles tivessem estado fisicamente sentados aos pés do diabo para “ouvi-lo” palestrando-lhes num sentido empírico.

Quando diz respeito às coisas espirituais, fé e entendimento estão conectados, mas o ditado “eu creio para que possa entender” é anti-escriturístico, pelo menos quando removido do seu contexto original e usado por si mesmo sem definição. O ensino bíblico é: “Você deve nascer de novo, para que possa tanto crer como entender”. Fé e entendimento promovem e dependem um do outro, e ambos são impossíveis a menos que a pessoa nasça de novo. Isso, conseqüentemente, faz com que a fé e o entendimento dependam da soberania divina e não da escolha humana, como Jesus, João e Paulo nos declaram repetidamente.

## João 3:14-15

O versículo 13 diz que o Filho do Homem, Jesus Cristo, veio até nós do céu. Por causa disso, seu testemunho sobre as coisas espirituais é autoritativo e confiável, e isso é verdade tanto se ele estiver falando sobre as obras terrenas como sobre as obras espirituais de Deus. Então, os versículos 14 e 15 continuam para nos ensinar sobre o cerne de sua missão, o propósito central para o qual ele veio cumprir: “Da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crer tenha a vida eterna”.

O começo do versículo 14 refere-se a um tempo quando “Moisés levantou a serpente no deserto”. Essa é uma referência a Números 21:4-9. Assim lemos a passagem:

Partiram eles do monte Hor pelo caminho do mar Vermelho, para contornarem a terra de Edom. Mas o povo ficou impaciente no caminho e falou contra Deus e contra Moisés, dizendo: “Por que vocês nos tiraram do Egito para morrermos no deserto? Não há pão! Não há água! E nós detestamos esta comida miserável!”

Então o Senhor enviou serpentes venenosas que morderam o povo, e muitos morreram. O povo foi a Moisés e disse: “Pecamos quando falamos contra o SENHOR e contra você. Ore pedindo ao SENHOR que tire as serpentes do meio de nós”. E Moisés orou pelo povo.

O SENHOR disse a Moisés: “Faça uma serpente e coloque-a no alto de um poste; quem for mordido e olhar para ela viverá”. Moisés fez então uma serpente de bronze e a colocou num poste. Quando alguém era mordido por uma serpente e olhava para a serpente de bronze, permanecia vivo.

O versículo diz que da mesma maneira “o Filho do homem *deve ser levantado*” (NIV). Como é típico em João, o termo chave “levantado” carrega um significado duplo nesse Evangelho. Para ilustrar, Jesus diz em João 8:28: “Quando vocês *levantarem* o Filho do homem, saberão que Eu Sou [aquele a quem eu reivindico ser], e que nada faço de mim mesmo, mas falo exatamente o que o Pai me ensinou”. A NIV adicionou “aquele a quem eu reivindico ser”, mas ele diz literalmente: “saberão que *Eu Sou*”. Isso é uma reivindicação ousada à deidade que poucos judeus não captariam. Mas ele diz que isso aconteceria quando ele fosse “levantado”, isto é, sobre a cruz.<sup>20</sup> Portanto, o termo “levantado” refere-se tanto a Jesus sobre a cruz, e ao mesmo tempo à sua exaltação sobre a cruz.

Mas o ponto que não devemos perder em João 3:14 é que Jesus devia ser *crucificado*. Ele devia ser levantado assim como Moisés levantou a serpente no deserto. E assim como

---

<sup>20</sup> Jesus diz em João 12:32, “Mas eu, quando for *levantado* da terra, atrairei todos a mim”, e João explica, “Ele disse isso para indicar o tipo de morte que haveria de sofrer” (v. 33).

aqueles que olharam para a serpente foram curados, aqueles que “olham” para o Filho do homem crucificado em fé receberão a vida eterna.

Esse aspecto do ministério de Jesus é crucial na pregação do evangelho. Paulo escreveu aos seus conversos: “Não foi diante dos seus olhos que Jesus Cristo foi exposto como crucificado?” (Gálatas 3:1). Isso nos fala sobre pelo menos uma parte do que esse apóstolo objetivava fazer a medida que pregava o evangelho – ele tentava retratar o Cristo crucificado aos seus ouvintes. De outra forma, eles não seriam capazes de olhar para o Filho do homem como levantado, de forma que cressem e tivessem vida nele.

O versículo também enfatiza a necessidade da crucificação, dizendo, “o Filho do homem *deve* ser levantado”. O objetivo era tornar possível ao homem ter a vida eterna (v. 15). Aparte da crucificação de Cristo, ou a expiação de Cristo, a vida eterna estaria indisponível à humanidade. E aparte de olhar para o Filho do homem crucificado – aparte da fé – não haveria nenhum caminho para uma pessoa ter a vida eterna.

Em outras palavras, a única forma de ter vida eterna é tornar-se um cristão. Retornaremos a esse pensamento mais tarde, mas nesse ponto, somente esse “deve” já condena todos os não-cristãos ao inferno eterno. O “deve” poderia também ter referência ao decreto imutável de Deus sobre o assunto, como predito pelos profetas, e assim “deve” ser cumprido.

O versículo 15 explica o significado ou o propósito da crucificação de Cristo. Ela aconteceu para que “todo o que nele crer tenha a vida eterna”. Uma tradução melhor é: “todo o que *crê* tenha vida eterna *nele*”. A NASB preserva a ordem das palavras e traduz: “para que todo aquele que *crê nele* tenham vida eterna”.

A palavra “nele” deveria modificar “vida eterna”, pois João usa uma expressão diferente quando ele deseja dizer “*crê nele*”. Aqui o verbo “crer” é usado absolutamente, sem referência a um objeto. Outro exemplo é João 6:47, que diz: “Asseguro-lhes que aquele que *crê* tem a vida eterna”.

Embora o verbo não se refira a um objeto para se crer, não é difícil afirmar a partir do contexto em quem se deve crer. Jesus se queixa no versículo 11 que as pessoas “não aceitam o *nosso testemunho*”, e no versículo 12 que eles “não creram” nele quando ele falou sobre as “coisas terrenas”, o que inclui o que ele tinha acabado de explicar sobre a natureza e necessidade de um nascimento espiritual. Muito menos, ele desconfia, eles creriam nele quando ele falasse sobre as “coisas celestiais”.

O versículo 13 refere-se ao fato de que o Filho do homem veio do céu, algo que não podia ser dito sobre nenhum outro homem. Então, o versículo 14 diz que ele devia ser “levantado” como tipificado por Moisés e a serpente de bronze no deserto, de forma que aqueles que olhassem para ele pudessem ser salvos. Assim, embora o verbo para crer seja usado absolutamente, mesmo a partir dessa passagem podemos derivar muita informação sobre as coisas que devemos crer. Resumidamente, devemos crer em todo o testemunho de Jesus, sobre de onde ele veio, o que ele ensina, e o que ele veio realizar.

Quanto a “vida eterna”, essa é a primeira vez quando o termo aparece nesse Evangelho, embora João já tenha se referido a “vida” bem no início, dizendo: “Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens” (1:4). É verdade que vida eterna é vida que nunca termina,



mas o termo não se refere à duração, ou a quantidade de tempo, mas à sua qualidade. Ela é a vida que é encontrada em Cristo, a vida que é encontrada em Deus. É a vida da ressurreição, a vida que é apropriada para a era porvir, mas que é possuída e experimentada no presente por aqueles que crêem no Filho de Deus.

Carne é carne, espírito é espírito – esse é o tipo de vida que vem de Deus, e não pelo nascimento humano natural. Esse é um *tipo* diferente de vida daquela vida da carne. Como Morris escreve: “A vida eterna é a vida em Cristo, aquela vida que remove uma pessoa da vida meramente terrena. Como vemos a partir da primeira parte desse capítulo, ela se origina numa ação divina, a ação pela qual uma pessoa nasce de novo. Ela é o dom de Deus, e não uma realização humana”.<sup>21</sup>

O original grego não contém artifícios como aspas para indicar quando uma pessoa começa a falar e quando ela para, e assim, elas são adicionadas na traduções. Em muitas delas, as aspas sugerem que a fala de Jesus se estende até o final do versículo 21, e as Bíblias com letras em vermelho destacam todos os versículos 10-21 como as palavras do Senhor. Mas parece certo que Jesus parou de falar antes do final do versículo 21, e que o que temos aqui é o comentário e reflexão do apóstolo João.

Contudo, o ponto preciso de transição é uma questão de disputa. Alguns sugeririam que Jesus termina de falar no final do versículo 10. Isso tornaria os versículos 11-21 num paralelo perfeito para os versículos 31-36, assim como essa última passagem é também considerada as palavras do apóstolo João e não de João o Batista. Mas isso é improvável porque, em outro lugar, “o Filho do homem” parece ser uma expressão usada exclusivamente por Jesus como uma auto-designação. Assim, parece seguro concluir que as palavras de Jesus se estendem pelo menos até o final do versículo 15.

Então, há várias indicações que o comentário de João começa desde o versículo 16, e que a partir desse ponto Jesus não é mais aquele que está falando. Primeiro, nesse ponto o texto muda para o tempo passado, e isso é o que esperaríamos se estivéssemos lendo a reflexão de João sobre algo que tinha acontecido, ao invés de uma citação de Jesus. Segundo, o versículo 16 refere-se a Jesus como “o único Filho” ou “Filho Unigênito” de Deus (também v. 18). João está acostumado a usar essa expressão. Por exemplo, ele a usa em João 1:14, 18 e 1 João 4:9, onde estamos certos que estamos lendo as palavras de João, ao invés de citações de Jesus. Terceiro, o versículo 19 usa expressões similares para ecoar algo que João já tinha declarado em 1:9-11.<sup>22</sup> Portanto, é razoável concluir que Jesus termina de falar final do versículo 15, e que os versículos 16-21 consistem do comentário e reflexão de João, o apóstolo.

Dito isso, nada pode ser mais importante do que lembrar que estamos observando isso meramente porque gostaríamos de saber tanto quanto possível sobre o texto, e de uma maneira tão correta quanto pudermos – não é porque estamos tentando distinguir entre palavras que carregam autoridade divina e palavras que não carregam tal autoridade.

Toda a Bíblia é inspirada e infalível, e tanto as palavras de Jesus como as palavras de João vieram de Deus, e são, portanto, igualmente autoritativas. Certamente, em si mesmos, Jesus (que é Deus) é infinitamente mais autoritativo que João, mas quando estamos comparando as palavras de Jesus e as palavras inspiradas de João, estamos

<sup>21</sup> Morris, *Gospel According to John*, p. 201.

<sup>22</sup> Robertson, p. 50.

comparando inspiração com inspiração, ou Deus com Deus, de forma que não há nenhuma diferença.<sup>23</sup> Não estamos comparando o Jesus divino com o João meramente humano, visto que toda a Bíblia é um produto do Espírito Santo.

Assim, mesmo que não pudermos descobrir o ponto preciso de transição com certeza completa, não faz nenhuma diferença no que diz respeito onde se encontra a autoridade do texto. E, portanto, devemos nos aproximar dos versículos 16-21 com total reverência e confiança, assim como fazemos com o restante da Bíblia.

---

<sup>23</sup> Vincent Cheung, “Suficiente e Proveitosa”.

## João 3:16

João 3:16 é um dos versículos mais famosos na Bíblia. Ele é tão familiar que muitas pessoas não têm nenhuma idéia do que ele diz, do que ele significa, e do que ele implica. Assim, ele é também um dos versículos mais frequentemente distorcidos na Escritura. Essas interpretações são perigosas não somente porque elas afirmam falsas idéias, mas também porque elas obscurecem o que o versículo pretende transmitir, neutralizando sua força original. Grandes crimes têm sido cometidos contra João 3:16, e assim, seria apropriado pra nós tomar algum tempo para dissecá-lo. Mas primeiro, leiamos ele novamente, mesmo que já o tenhamos lido muitas vezes antes: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.

A expiação já tinha sido aludida no versículo 15 quando é dito que o “o Filho do homem deve ser levantado”. Quando o versículo 16 diz: “Porque Deus tanto amou o mundo”, essa é uma revelação da própria mente de Deus, nos dizendo o porquê ele enviou Jesus Cristo para morrer por pecadores. Ele enviou Jesus para sofrer a dor e humilhação da encarnação, perseguição e crucificação, por causa do seu *amor* – porque ele ama aqueles a quem ele deseja salvar da destruição e castigo eterno.

É comum para as pessoas imporem suas próprias idéias humanas, e até mesmo pecaminosas, sobre o amor nos lugares onde a Escritura se refere ao amor de Deus. O resultado são heresias e licenciosidades que têm mostrado devastar a verdadeira religião. Várias doutrinas bíblicas centrais são subvertidas e uma mensagem confusa sobre a natureza de Deus, seus requerimentos, e sua solução tem sido anunciada ao mundo.

O amor de Deus não é um sentimento, mas é uma política de benevolência que resulta em ações realizadas para o benefício daqueles que são os objetos desse amor. Esse amor não é promíscuo, mas específico e eficaz. Ele conscientemente marca indivíduos escolhidos e realiza com sucesso os atos de benevolência que planejou fazer. Como Deus disse a Moisés: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão” (Romanos 9:15), e Paulo afirma: “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer” (v. 18). E está escrito também: “Amei Jacó, mas rejeitei Esaú” (v. 13).<sup>24</sup>

Que Deus enviou seu Filho por amor nos lembra da harmonia dentro da Deidade. O Filho não veio do céu contra ou aparte da vontade do Pai, mas foi o amor do Pai que o enviou em primeiro lugar. Portanto, na expiação, Cristo não se oferece como um sacrifício para apaziguar a ira de um Deus relutante. Antes, a expiação é a forma de Deus salvar aqueles que ele ama, mas ao mesmo tempo apaziguar sua própria ira e satisfazer sua própria justiça.

O fundamento da nossa salvação é o amor de Deus por nós. Outra implicação desse fato é que Deus não foi movido por alguma fé ou mérito que ele previu em nós. Nem havia

<sup>24</sup> Vincent Cheung, *Systematic Theology*.

algo merecedor em nós que o fez nos amar. Seu amor nunca é separado da sua vontade, de forma que ele nos ama não porque ele é sobrepujado por sua bondade ou potencial, mas ele nos ama porque ele escolheu nos amar.

O versículo diz que Deus ama “o mundo”, e isso refere-se ao objeto e escopo do seu amor. Dessa forma, essa expressão adiciona algo ao belo retrato que João está pintando para nós sobre o plano de redenção de Deus. Contudo, nesse ponto muitas pessoas começam a torcer o texto para servir aos seus preconceitos teológicos e inclinações humanistas. A distorção tem sido tão enfatizada e promovida que ela se tornou a visão majoritária. Portanto, devotaremos parte desse capítulo para tratar com ela.

Há aqueles que insistem que “o mundo” aqui deve se referir a cada ser humano em toda a história da humanidade, isto é, cada indivíduo de todos os tempos. Aqueles que, como eu, discordam dessa interpretação, e apontam que há um contexto para o uso de João do termo que limita o escopo do mesmo, são algumas vezes acusados de rejeitar aceitar o claro ensino do versículo.

Agora, se “o mundo” de fato se refere a todo ser humano na história, então o versículo estaria dizendo que Deus ama a todos, e que ele ama todos com um amor salvífico que envia Jesus Cristo para morrer por cada ser humano. Portanto, da perspectiva de Deus, ele já fez tudo o que poderia para assegurar a salvação *potencial* de cada pessoa. A salvação agora depende da pessoa, de sua própria liberdade de escolha, e não mais de Deus. Se é isto o que o texto declara e implica, então devemos nos submeter a ele. Mas como explicarei, essa interpretação não somente é falsa, mas é também irreverente.

Quando objetamos ao mal-entendimento acima da palavra “mundo”, somos informados que se o texto diz “mundo”, então devemos aceitar que ele significa “mundo”. Eu não tenho problema com isso, mas minha questão é o que “mundo” significa. Nossos oponentes fazem um ponto similar nos lugares onde a Bíblia usa palavras tais como “qualquer um”, “todo aquele”, “todos”, e assim por dia. Eles ignoram o fato de que essas palavras aparecem em contextos específicos que definem o seu significado e restringem o seu escopo. Eu ilustrarei primeiro esse ponto a partir do uso geral da linguagem, e então a partir de várias passagens bíblicas.

Primeiro, é verdade que devemos aceitar o que está escrito da forma como está escrito. Mas o que está escrito sempre foi escrito dentro de um contexto. Quando aceitamos “o que está escrito”, devemos aceitar tudo o que está escrito, isto é, juntamente com o contexto das palavras e frases específicas nas quais estamos nos focando.

Se eu fosse escrever, “Eu nego que sou uma mulher”, e você então tomasse somente “sou uma mulher”, e dissesse que devemos aceitar simplesmente “o que está escrito”, você estaria de fato rejeitando o que está escrito. Nesse caso, sua representação do “o que está escrito” seria o exato oposto do que está realmente escrito.

Isso é tão simples que parece que estou insultando meus leitores, mas é precisamente esse princípio muito simples que nossos oponentes rejeitam implementar quando eles lêem a Bíblia. Certamente, deveríamos aceitar as claras declarações da Escritura, mas quais são essas claras declarações? Nossos oponentes diriam que eu escrevi claramente, “sou uma mulher”, e eu certamente não o fiz. Mas isso é algo que “eu nego”.

Quanto àqueles termos aparentemente universais como “qualquer um”, “todo aquele”, “todos”, e assim por diante, eles são de fato universais nos contextos que eles foram usados, mas eles não são sempre absolutamente universais. Se você fosse me dizer, aparte de qualquer contexto anunciado ou assumido, que *qualquer um* pode aprender o chá-chá-chá, eu responderia: “Sim, eu gostaria de ver você ensinar um panda a fazer isso”. Você voltaria e me diria que você quis dizer que *qualquer ser humano* pode fazer isso. Mas então eu perguntaria: “O que dizer de alguém que está em coma? E uma pessoa inválida? E um bebê recém-nascido pode aprender o chá-chá-chá?”.

O ponto é que o contexto define e restringe um termo aparentemente universal. Certamente nossos oponentes percebem que as palavras “Deus tanto amou o mundo” estão cercadas por outras palavras, e que a passagem inteira aparece na maior seção do Evangelho de João? Qual é então esse contexto? E porque esse contexto apóia a interpretação deles? Qual é a teologia de João? E como ela implica no entendimento deles da palavra “mundo” como ela é usada em João 3:16?

Pegemos vários exemplos da Bíblia. O primeiro ilustrará a necessidade de um contexto, e eu escolhi algo deliberadamente que não tem nenhuma relevância imediata com o nosso versículo. O exemplo é Êxodo 20:13, e ali Deus declara: “Não matarás”. Mas *o que* não mataremos? Sim, humanos. Mas o que dizer sobre os vegetais? E as bactérias? Essas não são questões ridículas, pois uma vez que o contexto é ignorado, essas são de fato possibilidades.

Assim como com João 3:16, esse versículo tem sido sujeito a muito abuso, e o que usualmente acontece é que um contexto, que define e restringe o significado, é imposto sobre o texto na mente do leitor sem considerar o contexto real no qual o versículo aparece. Esse é o porquê algumas pessoas pensam que elas podem usar esse versículo para se oporem à pena de morte, embora outras partes da Bíblia a ordenem explicitamente. Outros afirmam que esse mandamento nos proíbe de comer carne, embora a Bíblia o permita explicitamente em outros lugares. Mas se você não pode comer carne porque não podemos “matar”, e o matar aqui de alguma forma inclui os animais, então como os vegetais e bactérias não ficam debaixo da mesma proteção?

Certamente, o mandamento é mais apropriadamente traduzido como: “Não *assassinarás*” (Êxodo 20:13, NIV), mas ainda precisamos do contexto amplo da Escritura para definir assassinato, visto que alguns advogados sugerem que é assassinato executar um criminoso, e é assassinato matar uma galinha. Mas de alguma forma é permissível assassinar vegetais e bactérias.

Analisemos agora um exemplo mais relevante, pelo menos em termos da expressão usada. Lemos em João 12:18-19: “Muitas pessoas, por terem ouvido falar que ele realizara tal sinal miraculoso, foram ao seu encontro. E assim os fariseus disseram uns aos outros: “Não conseguimos nada. Olhem como *o mundo todo* vai atrás dele!”.

Os fariseus lamentaram que “o mundo todo” ia atrás de Jesus. Se fossemos interpretar a Escritura como nossos oponentes desejam, deveríamos concluir que todos os seres humanos, em toda a história, se tornam cristãos. A obra da evangelização está consumada, e o inferno está completamente vazio, exceto pelo diabo e os seus anjos. E agora que pensamos nisso, por que o diabo e os seus anjos estão excluídos de “o mundo todo”, a menos que um contexto justifique sua exclusão? Além do mais, se iremos

esquecer os demônios por ora, se “o mundo todo” deve significar todo ser humano, então os fariseus que pronunciaram essa declaração devem eles mesmo ter “ido atrás” de Jesus. Isso faria da exclamação deles não uma queixa, mas uma alegre observação!

Se nossos oponentes não adotam essa interpretação absurda, é porque eles estão assumindo um contexto que é diferente daquele que eles usam quando lendo João 3:16. Apenas lendo os versículos ao redor, torna-se claro que “o mundo todo” no versículo 19 refere-se às “muitas pessoas” no versículo 18, e talvez também à “multidão” no versículo 17. Se “o mundo todo” não significa automática e necessariamente cada ser humano na história, então nem nós podemos simplesmente assumir isso quando chegamos ao “mundo” em João 3:16.

Há muitos outros exemplos na Bíblia, mas olharemos para apenas mais um. Uns poucos versículos após João 3:17, encontramos o seguinte: “ Ele testifica o que tem visto e ouvido, mas *ninguém* aceita o seu testemunho” (3:32). *Ninguém*, o versículo diz, aceita o testemunho de Cristo. Dessa vez, se fôssemos interpretar a Escritura como nossos oponentes fazem, então teríamos que concluir que “ninguém” em toda a história humana jamais creu ou crerá em Cristo. Nunca houve e nunca haverá um cristão em toda a história humana.

E se “ninguém” deve significar todo ser humano sem restrição e sem exceção, então ele deve significar que até mesmo o apóstolo João, a medida que escrevia esse versículo, não aceitou o testemunho de Cristo. É de fato estranho, então, como ele repetidamente encoraja seus leitores a crerem num testemunho que ele tinha rejeitado. Além do mais, a forma como nossos oponentes interpretam esse versículo – isto é, se vamos imitar o tratamento deles de João 3:16 – faria com que João 3:2 contradissesse João 12:19. O primeiro tornaria a evangelização mundial fútil, mas o último diria que a missão já foi cumprida.

Se eu fosse ignorar o contexto de tudo o que você diz e tomasse cada termo universal que você usa como se referindo a cada ser humano em toda a história, a sua parte na conversa não faria sentido, e a comunicação colapsaria. Em adição, você poderia corretamente me acusar de desrespeito grosseiro de sua fala e pessoa. Você poderia até mesmo pensar que estou fazendo isso com o propósito de zombar de você ou te irritar.

Da mesma forma, nossos oponentes assumem que “mundo” em João 3:16 deve significar todos os seres humanos em toda a história, e eles nos acusam de rejeitar aceitar o versículo da forma como ele está escrito, mas eles são aqueles que exibem desprezo por Deus e a Escritura. Em essência, eles aceitam somente uma palavra do texto, e então assumem o significado que eles desejam para ela sem qualquer consideração para com o contexto. Por outro lado, urgimos inteligência na interpretação, respeito pelo texto, e reverência para com Deus observando o contexto do versículo, incluindo como tais termos universais são usados por todos os escritos de João, bem como as preocupações teológicas principais do apóstolo.

A controvérsia com a qual estamos tratando tem a ver com as doutrinas bíblicas da eleição divina e a expiação definida. Porque eu tenho tratado dessas doutrinas em outros lugares, com grande detalhe,<sup>25</sup> não as discutirei aqui. Estou mencionando isso apenas

---

<sup>25</sup> Entre outros, veja Vincent Cheung, *Systematic Theology e Commentary on Ephesians*.

para apontar que o versículo não prova nem refuta essas doutrinas. Mesmo que o versículo tenha alguma relevância para essas doutrinas, o foco está sobre outra coisa.

João está contra-atacando a idéia de que a salvação é exclusivamente ou até mesmo principalmente reservada para os judeus, ou os descendentes naturais de Abraão. Ele lutou para construir esse ponto desde o começo, por todo o seu evangelho há comentários, discursos, milagres e outros episódios para reforçar repetidamente o ensino. João 3:16 não afirma nem nega que Cristo veio para morrer por todo indivíduo.<sup>26</sup> A questão é estabelecida em muitos lugares na Escritura, mas *não aqui*. Seja qual for o lado que estivermos, se esse se tornou nosso foco quando estudando o versículo, então perdemos uma das suas principais preocupações.

João está enfatizando a natureza transracional, transcultural e transnacional da salvação em Cristo (1:13, 4:4-42, 8:31-47, 10:16). Juntamente com outros escritores do Novo Testamento, João está ansioso para anunciar que aqueles que receberão a vida eterna consistirão de “uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Apocalipse 7:9). Eu fico profundamente indignado que alguém deva se desviar de refletir sobre esse aspecto das boas novas por causa dos abusos incompetentes, desonestos e irreverentes que nossos oponentes constantemente infligem sobre essa e outras passagens bíblicas.

Nós podemos reforçar nosso ponto com ainda outro exemplo. João 12:32 diz: “Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei *todos* a mim”. A palavra “atrairei” refere-se a uma ação poderosa e eficaz de Deus pela qual ele conduz interiormente uma pessoa a vir a Cristo. Se “todos” deve se referir a todos os seres humanos em toda a história, então isso deve significar que todos os seres humanos de toda a história se tornarão cristãos, ou pelo menos aqueles que viveram após Cristo ter sido “levantado”. Mas então essa promessa ou predição teria fracasso mesmo antes dos Atos dos Apóstolos.

E mesmo que enfraqueçamos o verbo “trazer” para algo como um empurrada gentil, é duvidoso que todos os seres humanos após a crucificação tenham sido empurrados para vir a Cristo, visto que muitos deles morreram sem nunca ouvir dele, e muitos que ouviram foram repelidos pela mensagem da cruz. Adicione a isso o fato que Deus deliberadamente retém o entendimento e arrependimento de muitos, e até mesmo endurece os seus corações (Romanos 9:18, 11:7), e é impossível interpretar “todos” aqui como se referindo a todos os seres humanos em toda a história, ou até mesmo em todos os anos após a crucificação.

O significado do versículo é claro se demonstrarmos um pouco de respeito para com Deus e a Escritura, e não abusarmos do texto como os nossos oponentes fazem. Uns poucos versículos antes (v. 20-22), João escreve que alguns gregos tinham expressado um interesse em ver Jesus. Isso fornece o contexto para entendermos “todos”, que Jesus está novamente se referindo ao fato de que o evangelho transcende limites raciais, culturais e nacionais para alcançar todos tipos de pessoas.

---

<sup>26</sup> Todavia, não podemos ler o versículo como se ele fosse neutro sobre esses assuntos. Uma vez que aprendemos o significado bíblico do amor de Deus, da expiação de Cristo, e de outros conceitos empregados na passagem, torna-se óbvio que o versículo é inconsistente com a falsa doutrina da expiação universal.

Isso é repetido especialmente para contra-atacar a noção obstinada que os judeus estão automaticamente designados à salvação simplesmente porque eles são os descendentes naturais de Abraão. Essa é a mensagem consistente e enfática de João e outros escritores do Novo Testamento. Mateus, por exemplo, cita Jesus como dizendo: “Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus” (Mateus 8:11).

Quando Jesus diz que, “Mas eu, *quando for levantado da terra*, atrairei todos a mim”, ele está prenunciando seu último mandamento aos discípulos para não mais pregar somente ao povo de Israel (Mateus 10:5-6), mas a “fazer discípulos de *todas as nações*” (Mateus 28:19). Como ele diz em Lucas 24:46-47: “Está escrito que o Cristo *haveria de sofrer e ressuscitar* dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados *a todas as nações*, começando por Jerusalém”. Isso é apenas outra forma de dizer o que encontramos em João 12:32. Primeiro, Cristo iria “sofrer” (“quando for levantado”), e então o evangelho seria pregado “a todas as nações” (“atrairei todos a mim”).

Essa comissão para realizar um ministério mundial é repetida em Atos 1:8, e seu cumprimento começou uns poucos dias depois, em Atos 2, antes mesmo dos discípulos serem dispersos de Jerusalém. “Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de *todas as nações* do mundo” (v. 5) reunidos ali no dia de Pentecoste. Sob a pregação de Pedro, milhares deles creram (v. 41), e podemos assumir que eles levaram o evangelho quando voltaram para onde moravam.

Podemos fazer nosso ponto ainda de outra forma a partir de Atos 2, visto que Pedro cita a profecia de Joel, dizendo: “Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre *todos os povos*” (v. 17).<sup>27</sup> Novamente, isso não pode se referir a todos os indivíduos humanos em exceção, mas consistente com o que é obviamente uma das principais ênfases de Atos 1 e 2, o termo refere-se às pessoas de “todas as nações” (v. 5). Como Pedro diz no versículo 39: “Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para *todos os que estão longe*, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar”.

A salvação é de fato para “todos”, mas todos do que? Pedro diz que ela é para todos “quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar”. Deus é aquele que escolhe quem serão salvos – de fato ele salvará todos a quem ele escolheu, e ele não escolheu cada indivíduo na história do homem, mas pessoas de todas as nações, até mesmo aqueles que estão longe, até os que estão nos “confins da terra” (1:8). Ao estender os termos universais para incluir todas as pessoas humanas, nossos oponentes têm distorcido tais versículos, e obscurecido a mensagem importante deles.

Então, é também provável que João está usando a palavra “mundo” em João 3:16 para detonar uma humanidade que é hostil a Deus, de forma que ele ama até mesmo aqueles que se opõem a ele agora, e envia Cristo para salvá-los. Isso é consistente com o que João ensina em outro lugar, como quando ele escreve em 1 João 4:10: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (também o v. 19).

---

<sup>27</sup> Nota do tradutor: A NIV, utilizada pelo autor, trás “todas as pessoas”, onde fica mais fácil haver uma distorção por parte dos arminianos.



A mesma idéia aparece em Paulo, que escreve: “Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira. Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões pela graça vocês são salvos” (Efésios 2:3-5). Novamente, que esse pode ter sido o significado de João não prova nem refuta a doutrina da eleição divina e da expiação definida. O versículo não trata diretamente delas.<sup>28</sup>

O amor de Deus é demonstrado na ação eficaz. Para o propósito de salvar aqueles a quem ele ama, Deus envia seu Filho. O próprio versículo 16 não nos diz a relevância de Deus enviar seu Filho ou o que ele envia o Filho para realizar. Ele somente nos diz que porque ele tem sido dado, aqueles que crêem nele não parecerão, mas têm a vida eterna. Isso é porque o versículo 15 já nos informou sobre sua missão e como ela se relaciona com a salvação dos homens. Ele diz que Cristo seria levantado para que aqueles que cressem nele tivessem vida eterna. O versículo 16, então, nos diz o que está por detrás dessa missão – Deus enviou seu Filho porque ele ama aqueles a quem ele deseja salvar.

Nós estamos tão familiarizados com o versículo que poderíamos não perceber, mas esse versículo nos diz algo que seria impossível sabermos, exceto pela auto-revelação de Deus. Como Paulo escreve: “Pois, quem conhece os pensamentos do homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus. Nós, porém, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente” (1 Coríntios 2:11-12). Assim, deveríamos considerar como um dom especial saber, não somente que Deus enviou seu Filho, mas que ele o enviou por amor.

Deus deu algo especial, algo único, algo precioso, o seu próprio Filho, para salvar aqueles a quem ele ama. Não somente isso nos fala sobre a extensão e intensidade do amor de Deus por aqueles que ele salva, mas também nos ensina que seu grande amor não cega ou anula sua justiça. Antes, seu amor satisfaz sua justiça. Por outro lado, a partir disso podemos perceber também o que foi preciso para satisfazer essa justiça, e a ira divina na qual nossos pecados incorreram. E se isso é o que é preciso para satisfazer a justiça, podemos estar certos que essa mesma justiça não permitirá que *ninguém* que rejeita a pessoa e obra de Jesus Cristo escape do fogo eterno do inferno.

Nós preferiríamos nos deleitar mais no amor e justiça de Deus, e a perfeita harmonia entre os dois, mas devemos tomar tempo para tratar com nossos oponentes uma vez mais, visto que eles manipulam a frase seguinte para servir ao preconceito deles. João escreve que Deus enviou seu Filho por amor, de forma que “*todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna*”. Nossos oponentes diferem em ênfase, mas juntos, eles têm inferido a partir do texto vários ensinamentos anti-bíblicos, ou antes, supostos apoios aos ensinamentos anti-bíblicos que eles já afirmam.

Primeiro, junto com a falsa interpretação deles de “o mundo”, o termo encontrado anteriormente no versículo, eles agora inferem a partir de “todo o que crer” que Deus ama todas as pessoas da mesma forma, e que Cristo morreu e fez expiação por todas as pessoas. Porque eu já provei a doutrina bíblica de uma expiação eficaz específica em outros lugares, eu não repetirei os argumentos aqui, visto que o assunto não é a

<sup>28</sup> Morris, *Gospel According to John*, p. 111-113.

preocupação principal desse versículo. Antes, eu apenas apontarei como a doutrina anti-bíblica da expiação universal não pode ser inferida a partir dele.

Segundo, é sugerido que dizer “todo o que nele *crer* não pereça” implica que, visto que Cristo já realizou sua obra de expiação, a salvação de cada indivíduo depende agora da livre escolha da pessoa. Uma implicação relacionada é que a pessoa é capaz de fazer tal livre escolha. Novamente, como eu já refutei a liberdade humana em outros lugares, aqui apenas apontarei como é impossível inferir a liberdade e capacidade humana a partir desse versículo.

Ambos os itens podem ser rapidamente resolvidos. Primeiro, a própria linguagem não garante a inferência feita. Eu posso dizer: “Todo o que se torna um peixe pode respirar debaixo d’água”. A declaração é verdadeira, mas isso não significa que uma pessoa se torna um peixe a qualquer hora que desejar. De fato, qualquer inferência sobre a capacidade de alguém é estritamente inválida, visto que a declaração não contém nenhuma informação sobre capacidade, exceto sobre a capacidade do peixe respirar debaixo d’água. Quer seja possível ou não para uma pessoa se tornar um peixe, ninguém pode inferir nada a partir da declaração em si, mas ela apenas nos informa sobre o que aconteceria a uma pessoa que se transformasse num peixe.

Além do mais, mesmo que seja possível para uma pessoa se tornar um peixe, a declaração não diz nada sobre *como* isso é possível, ou se está no *próprio* poder da pessoa fazer isso. Deus é certamente capaz de fazer um homem tornar-se um peixe, mas um homem “não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo” (Mateus 5:36). Uma declaração como essa que fiz não nos diz nada sobre a capacidade de uma pessoa, mas a informação sobre a capacidade deve ser obtida em outro lugar.

Sempre que estamos falando sobre algo que é impossível ao homem – tal como tornar-se um peixe – então isso significa que ou isso nunca acontecerá, ou Deus deve fazer com que isso aconteça pela sua onipotência. Um episódio no ministério de Jesus faz exatamente esse ponto:

Então Jesus disse aos discípulos: “Digo-lhes a verdade: Dificilmente um rico entrará no Reino dos céus. E lhes digo ainda: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

Ao ouvirem isso, os discípulos ficaram perplexos e perguntaram: “Neste caso, quem pode ser salvo?”

Jesus olhou para eles e respondeu: “Para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis”. (Mateus 19:23-26)

Temos tempos apenas para observar o que é relevante para a nossa discussão. Jesus diz claramente que é *impossível* para tal pessoa ser salva, exceto se Deus fizer com que isso aconteça, visto que todas as coisas são possíveis para ele. Mas o que aconteceu com “todo o que *crer*”? Jesus nunca disse que todos podem *crer*, ou que reside na pessoa a capacidade para *crer*, mas somente que todo o que *crer* não perecerá, mas terá a vida

eterna. Se essa pessoa em Mateus 19 crê depende de Deus, não dele, visto que somente Deus pode fazer com que isso ocorra.

Em todo caso, o Evangelho de João explica a si mesmo sobre esse ponto, e não nos deixa em suposições. Em João 10:26, Jesus diz: “Mas vocês não crêm, porque não são minhas ovelhas”. Assim, uma pessoa é ovelha de Jesus *antes* de crer, e é porque ela é sua ovelha que ela crê. Como alguém se torna uma ovelha de Jesus? O versículo 29 diz: “Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai”. As ovelhas de Jesus são o que elas são porque elas foram dadas a ele *pelo Pai*, e lembre-se, *esse é o porquê* elas crêm.

Contudo, de acordo com a teologia dos nossos oponentes, nós decidimos livremente crer, e todos podem fazer isso. Aplicando isso à essa passagem Jesus teria que dizer que nós somos aqueles que *damos a nós mesmos* a ele, e que somos aqueles que *fazemos a nós mesmos* suas ovelhas. Obviamente, isso contradiz João 10, e, portanto, é uma falsa doutrina.

Então, aqui está uma passagem que já citamos em outro contexto, mas que é muito relevante para a presente discussão, de forma que a leremos novamente:

Por que a minha linguagem não é clara para vocês? Porque são incapazes de ouvir o que eu digo. “Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira. No entanto, vocês *não crêm em mim*, porque lhes digo a verdade! Qual de vocês pode me acusar de algum pecado? Se estou falando a verdade, *porque vocês não crêm em mim*? Aquele que pertence a Deus ouve o que Deus diz. Vocês não o ouvem porque não pertencem a Deus”. (João 8:43-47)

Em concordância com João 10 mas sem as metáforas, essa passagem nos diz que uma pessoa não pode crer em Jesus a menos que ela “pertença” a Deus.

Então, João 12:38-41 é ainda mais explícito, ou antes, ela nos diz algo similar a partir de outro ângulo:

Isso aconteceu para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que disse: “Senhor, quem creu em nossa mensagem, e a quem foi revelado o braço do Senhor?” Por esta razão eles não podiam crer, porque, como disse Isaías noutro lugar: “Cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure”. Isaías disse isso porque viu a glória de Jesus e falou sobre ele.

Eles *não podem* crer, pois Deus ativamente os impede! Ele impõe cegueira e morte espiritual sobre eles, e retém o entendimento e arrependimento deles.

Quem, então, é o “todo” em “todo o que crer”? Ele é a pessoa a quem Deus soberanamente ama, e a quem ele concede entendimento e arrependimento. Ao invés de ensinar a liberdade do homem na salvação, o “todo o que crer” em João 3:16 eficazmente exclui toda a humanidade da salvação, exceto aqueles a quem Deus soberanamente concede fé em Jesus Cristo.

Assim, uma vez que tomamos todo contexto do Evangelho de João, João 3:16 ensina o exato oposto do que nossos oponentes afirmam. Ao invés de ensinar a liberdade do homem na salvação, ele a destrói completamente. Se nosso pensamento está conformado às Escrituras, e se estamos falando como a Escritura fala, então encorajar os homens a crer, a ter fé, não é reconhecer a liberdade e capacidade espiritual deles, mas é uma declaração explícita de que os homens não podem salvar a si mesmos.

Dizer-lhes que eles precisam de fé é dizer-lhes que “para o homem [isso] é impossível”. E embora “para Deus todas as coisas são possíveis”, ele não faz com que isso ocorra para todos. Além do mais, embora seja verdade que eles podem crer somente quando Deus concede fé a eles, o que temos estabelecido é ainda mais forte do que isso – Deus deve não somente fazer com que eles creiam, mas ele deve parar de agir contra eles.

O problema é que nossos oponentes não levam em conta o contexto do Evangelho de João. E esse é o porquê os chamamos de desonestos e irreverentes. Eles têm pouco respeito para com Deus e a Escritura para ouvir tudo o que ela diz. E se eles inferem a partir de uma pequena frase o que não está realmente na frase, então eles não estão prestando atenção nem mesmo para aquelas poucas palavras. Eles estão tentando captar o que eles querem ouvir, distorcê-la para se encaixar em suas opiniões, e então continuar com isso e nunca olhar para trás.

Aqueles que “pertencem” a Deus, aqueles a quem Deus já deu a Cristo – “todos o que” são dele, certamente virão a Cristo e crerão. E Jesus promete que eles “não perecerão, mas terão a vida eterna” (v. 16). Assim, ele implica que aqueles que não crêem perecerão. O versículo 18 confirmará essa inferência, e assim, mencionaremos isso novamente quando chegarmos nele. Quanto a “vida eterna”, já expomos sobre isso, embora brevemente, e agora devemos ir adiante.

## João 3:17-18

O versículo 18 segue intimamente o versículo 16, e continua a descrever a missão de Jesus, para a qual Deus o enviou para cumprir: “Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele”.

Para entender corretamente esse versículo, devemos primeiramente lembrar que ele é uma continuação do versículo 16, e não deve ser lido aparte dele. O versículo 16, por sua vez, continua o versículo 15, e não deve ser lido aparte dele. Assim, retornando ao versículo 15, ali é dito que Jesus seria “levantado”, e em outro lugar João explica que isso refere-se ao “tipo de morte que [Jesus] haveria de sofrer” (12:33). Isto é, o versículo 15 refere-se à crucificação, um evento central na obra de expiação de Cristo. Embora o versículo 16 mui provavelmente comece o comentário de João, ele é, todavia, um comentário sobre o versículo 15, e não muda o assunto, senão o estende. Assim, ele diz que, por amor, Deus envia seu Filho para realizar a obra de expiação sobre a cruz.

Guardando isso em mente a medida que lemos o versículo 17, faz perfeito sentido dizer que “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele”. O foco presente é a expiação, e certamente a expiação não é principalmente para condenar o mundo, mas para salvar aqueles por quem Cristo morreu, por quem ele fez essa expiação.

Por causa desse contexto, há um sentido particular no qual Deus não envia seu Filho para condenar o mundo. O próximo versículo diz: “Quem nele crê não é condenado, mas *quem não crê já está condenado*, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus”. O motivo é claro! Você o vê? Nós somos capazes de entender tudo isso precisamente no sentido pretendido a medida que guardamos em mente a obra redentora de Cristo como o pano de fundo. Ele veio para curar os enfermos, levantar os mortos e salvar os pecadores. Ele não precisava fazer o oposto – as pessoas já estavam enfermas, já estavam morrendo, e *já estavam condenadas*.

Agora considere João 9:39, onde Jesus diz: “Eu vim a este mundo para julgamento, a fim de que os cegos vejam e os que vêem se tornem cegos”. Algumas pessoas poderiam achar um versículo como esse embaraçoso à luz do que acabamos de ler em João 3:17, mas a dificuldade é facilmente resolvida pois tomamos o tempo para observar o sentido preciso no qual 3:17 afirma o que afirma. Quando então tomamos um cuidado similar para ler João 9:39, observamos imediatamente que os dois versículos estão de fato falando sobre coisas diferentes, ou ‘julgamento’ em sentidos diferentes.

A palavra “julgamento” não significa condenação, mas entre outras coisas, ela pode significar distinção ou separação. Isso é o que encontramos em João 9:39, assim como o tipo de julgamento que Jesus tinha em mente aqui é aquele que “os cegos vejam e os que vêem se tornem cegos”.

O pano de fundo desse versículo é o relato comovente de como Jesus curou um homem cego de nascença. Os fariseus eram ciumentos e hostis, mas quando questionado por eles, o homem foi grato e leal àquele que o curou. Os fariseus mandaram-no embora,

mas Jesus o encontrou e perguntou: “Você crê no Filho do homem?”. O homem respondeu: “Quem é ele, Senhor, para que eu nele creia?”. Jesus disse: “Você já o tem visto. É aquele que está falando com você”. Então o homem disse: “Senhor, eu creio”, e ele o adorou. Que belo retrato da conversão! Você pode ver o Espírito de Deus operando nele? Ninguém, Paulo escreve, pode dizer que Jesus é Senhor, senão pelo Espírito Santo. Por outro lado, os fariseus foram endurecidos, e Jesus lhes disse: “A culpa de vocês permanece”.

Onde quer que Jesus fosse e não importava o que fizesse, ele causava uma distinção para ser feita entre os homens, uma separação entre os crentes e os incrédulos, os eleitos e os não-eleitos. Simeão tinha predito: “Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, de modo que o pensamento de muitos corações será revelado” (Lucas 2:34-35). E o próprio Jesus declarou: “Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mateus 10:34).

Mas isso é diferente da ênfase em João 3:17. Ali o julgamento não é uma distinção feita entre pessoas a medida que elas exibem reações severamente diferentes às palavras e obras de Cristo – o que não aparece até o versículo 19. Antes, “julgar” em João 3:17 é contrastado contra “salvar”, e esse é o porquê algumas versões usam “condenar” para traduzir o verbo: “Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não *para condenar* o mundo, mas para que este fosse *salvo* por meio dele”.

Muitas pessoas estão ávidas para eliminar ou justificar os ensinamentos com respeito à condenação na Bíblia, e algumas delas rapidamente se apegarão a uma declaração como: “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo”. Elas podem inferir a partir disso que Deus não tem nenhuma intenção de condenar alguém, ou podem aplicar isso ao evangelismo cristão e dizer que sermões que se referem à ira de Deus são inconsistentes com o amor de Deus e a missão de Cristo. Outros usariam versículos como esse para resistir aos cristãos que falam abertamente sobre os seus pecados.

Nós poderíamos fornecer uma avalanche de passagens bíblicas que afirmam inequivocamente a ira de Deus, sua condenação dos ímpios, e sua punição ativa contra os incrédulos. Mas mesmo que ignoremos todos eles por ora, o versículo 18 é suficiente para destruir as ilusões acima, e as falsas inferências e aplicações: “Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus”.

Em outras palavras, não é que Deus não condenará, mas que a condenação dos pecadores e incrédulos já está estabelecida, já está em andamento. A expiação não tem uma contraparte oposta que Jesus deve realizar para assegurar a condenação do ímpio. O versículo refere-se àqueles que mantêm uma incredulidade obstinada e persistente. Eles são não-cristãos, e eles nunca se tornarão cristãos. Essas pessoas, o versículo diz, “já [estão] condenadas”. Não há necessidade de Deus enviar seu Filho para fazer algo especial para que isso aconteça. Ela já é uma certeza.

Se algo, a vinda do Filho de Deus fez a condenação do ímpio ainda mais clara e certa. O versículo diz que o incrédulo está condenado “por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus”. O versículo 36 diz: “A ira de Deus permanece sobre ele”. O versículo fala do

juízo de Deus contra a pessoa como uma realidade presente, e não algo que é duvidoso até o futuro.

Ao invés de aliviar a mensagem da Bíblia sobre a condenação, o versículo sela a condenação do incrédulo. Ao mesmo tempo, ele nos fornece uma forte declaração com respeito à exclusividade da fé cristã. Uma pessoa é condenada “por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus”. Ele nos diz que se você é um não-cristão, então a menos que você se torne um cristão, você já está condenado. Não importa o que você faça ou o que você se torne, enquanto você permanecer um não-cristão, você já está debaixo de condenação.

Esse ensino permeia os escritos de João. Aqui estão alguns exemplos: “Aquele que não honra o Filho, também não honra o Pai que o enviou” (João 5:23); “Aquele que me odeia, também odeia o meu Pai” (João 15:23); “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho. Todo o que nega o Filho também não tem o Pai; quem confessa publicamente o Filho tem também o Pai” (1 João 2:22-23).

Observe aqueles versículos de 1 João. Ali João escreve da mesma forma como ele o faz em João 3:16-21. Ele declara tanto os aspectos positivos como negativos de uma idéia, como se ele desejasse eliminar toda escusa e confusão. Eu poderia simplesmente dizer: “Eu sou um homem”, mas eu torno minha ênfase e intenção inequívoca quando eu digo: “Eu sou um homem; eu não sou uma mulher”. O mesmo acontece com “eu sou um cristão” quando comparado com “eu sou um cristão; eu não sou um não-cristão”. Dessa forma, João escreve: “Todo o que nega o Filho também não tem o Pai; quem confessa publicamente o Filho tem também o Pai”.

Ninguém que nega o Filho tem o Pai. Como Jesus diz em João 14:6: “Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”. O que estou insinuando? Não há chance de uma pessoa ser um não-cristão e se aproximar do Pai, mas a única forma de se aproximar de Deus é se tornando um cristão. Em outras palavras, nenhuma religião não-cristã pode levar a Deus, mas todos os não-cristãos permanecem debaixo da condenação de Deus – mesmo que eles não sejam ateístas, mas budistas, mórmons, muçulmanos, católicos, e assim por diante.

Você não pode descrever ou rejeitar a Jesus Cristo e ainda reivindicar que ama a Deus, ou que é aceito por Deus. Você não pode dizer que você não é um cristão, mas que está encontrando Deus de alguma outra forma – não há nenhuma outra forma. Esse é o porquê rejeitar o Filho é rejeitar o Pai que o enviou. Novamente, João escreve: “Nós aceitamos o testemunho dos homens, mas o testemunho de Deus tem maior valor, pois é o testemunho de Deus, que ele dá acerca de seu Filho. Quem crê no Filho de Deus tem em si mesmo esse testemunho. Quem não crê em Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca de seu Filho” (1 João 5:9-10). Se você não aceita a Jesus Cristo, se você rejeita a fé cristã, então você tem chamado Deus de um mentiroso, e a ira de Deus permanece sobre você. Mas “todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus, e todo aquele que ama o Pai ama também o que dele foi gerado” (1 João. 5:1).

Cristãos frequentemente hesitam dizer com certeza se um não-cristão que morreu foi condenado ao inferno. Eles dizem que isso é algo que está somente nas mãos de Deus, e

que não é conhecido por nós. Contudo, se temos algum respeito para com Deus, então devemos dizer que o destino de todo incrédulo é de fato conhecido por nós, pois Deus o revelou para nós. Quando o não-cristão morre, ele é lançado num inferno eterno. Ali ele sofrerá uma tortura extrema consciente – dor! agonia! loucura! – além de tudo que conhecemos ou imaginamos, por uma duração sem fim, e onde cada segundo de sofrimento é tão novo quanto o anterior.

A única razão para reter o julgamento sobre o assunto é a possibilidade que alguém tenha se tornado um cristão nos segundos finais antes de sua morte. Certamente, quando isso acontece, a pessoa morreu como um cristão e não como um não-cristão. Mas que nunca hesitemos dizer que alguém que morreu como um não-cristão está agora sofrendo o tormento extremo no inferno. Isso pode não nos tornar muito populares nos funerais, mas se aqueles que estão presentes não crerem, então igualmente perecerão.

À luz do que Deus e Cristo têm feito para assegurar a salvação, é blasfemo dizer que a fé cristã não é o único caminho para a salvação ou para escapar da condenação. Lembre-se o que teve que acontecer: Deus teve que enviar seu Filho para morrer na cruz. Se havia outra forma de assegurar a salvação, se Deus tivesse desejado outro padrão para satisfazer sua própria justiça, então evidentemente até o próprio Deus não sabia sobre ele.

Alguém dizer que há outros caminhos para a salvação seria dizer que Deus cometeu um engano sobre sua própria natureza e seu próprio decreto. E é como se ele subisse até Cristo enquanto ele estava na cruz e dissesse: “O que você está fazendo? Nós não precisamos de você. Você está sendo crucificado por nenhuma razão”. E um cristão que reconhece que poderia haver outros caminhos para Deus está fazendo a mesma coisa. É como se ele subisse até Cristo na cruz e dissesse: “O que você está fazendo? Eles não precisam de você. Nenhum de nós precisa. Você sabe que está sofrendo por nada”?.

Essa é a implicação de negar a exclusividade da fé cristã. Conseqüentemente, um membro de igreja que nega essa doutrina deveria ser repetidamente confrontado, corrigido e repreendido. Mas se não há nenhum arrependimento, e se ele recusa afirmar que somente os cristãos entrarão no céu e que todos os não-cristãos estão condenados ao inferno, e especialmente se ele pronuncia verbalmente essa blasfêmia horrível, então ele deveria ser excomungado.

A pessoa que nega a exclusividade da fé cristã pode considerar a si mesma compassiva para com outras pessoas, e ela está indisposta a pensar na grande quantidade de não-cristãos como condenados. Mas sob essa capa de amor humanista está seu ressentimento contra Deus e um desdenho extremo para com a cruz. A pessoa que insiste que somente os cristãos são salvos não tem nada para responder, mas é aquela que diz que há outros caminhos que deve defender sua blasfêmia.

Por outro lado, quanto mais enfatizados e nos gloriamos na exclusividade da fé cristã, que o único caminho para ter vida eterna e escapar do fogo eterno é crer em Jesus Cristo, mais honramos o amor de Deus e o sacrifício de Cristo. Aceitamos o que ele forneceu com reverência e gratidão. Ao mesmo tempo, não ousamos e não queremos dizer às outras pessoas que tudo estará bem, mesmo que elas zombem do amor de Deus e desprezem o sofrimento de Deus. Poucas pessoas são mais ímpias do que aquelas que



dizem que até mesmo os não-cristãos podem ser salvos, que blasfemam a Deus e enganam os homens ao mesmo tempo.

Eu entendo do que Deus teve que me salvar e o que ele fez para assegurar essa salvação. Assim, eu não quero me virar contra ele dizendo que tudo o que ele fez pra mim foi desnecessário, pois de fato ele declarou que a fé em Cristo é o único caminho. E quer como um membro ou como um líder de igreja, eu não deixarei que ninguém blasfeme dessa forma com impunidade. Mas quanto a essa pessoa, o maior castigo ainda está porvir, pois “terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!” (Hebreus 10:31).

Mesmo que você se considere um cristão, se você compromete a doutrina preciosa e crucial de que Jesus é o único caminho para salvação, então você tem cometido um pecado terrível. Se você tem sugerido ou até mesmo abrigado a idéia de que pode haver outro caminho para Deus, você é um grande pecador. Você tem chamado Deus de um mentiroso, e é como se você vaiasse para Cristo quando ele subiu na cruz, e se juntasse aos réprobos quando eles zombam do seu sofrimento.

Seu desprezo para com Deus e Cristo me enoja, e é difícil para mim pensar numa palavra insultante o suficiente para descrever alguém como você. Eu me envergonharia de te chamar de um irmão ou irmã em Cristo. Você é indigno até mesmo de estar na mesma sala daqueles de nós que afirmam que “não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devemos ser salvos” (Atos 4:12).

E de fato, alguém que blasfema de Deus e zomba da obra de Deus como você não pode ser um cristão de forma alguma, mas ainda está debaixo de condenação, sendo preparado para o fogo eterno do inferno. Se você pensa que há outro caminho para a salvação, então você deveria experimentá-lo e ver o que acontece quando você morrer. Mas se você está indisposto de confiar sua alma a um caminho não-cristão, então por que você sugere que outras pessoas podem trilhá-lo e serem salvas? Seu hipócrita!

Todavia, Deus é misericordioso, e até mesmo alguém desprezível como você pode ser perdoado, isto é, se você agora se arrepende e afirmar a verdade, que Jesus Cristo é o único caminho para Deus, para a salvação, para escapar da condenação eterna, e que todos os não-cristãos sofrerão no inferno para sempre.

## João 3:19-21

Não podemos julgar o que não podemos conhecer, e, assim, admitimos que não podemos julgar os pensamentos e motivos de alguém quando não podemos conhecer o coração de uma pessoa. Além do mais, seria injusto especular sobre os pensamentos e motivos de uma pessoa, e então fazer um julgamento dela sobre essa base. Quando fazemos isso, não somente pecamos contra o homem, mas pecamos contra Deus, pois pretendemos poder fazer o que somente um juiz onisciente pode, e assim, usurpamos seu papel e roubamos sua honra.

Tudo isso é verdade, mas problemas ocorrem quando inferimos a partir disso que não podemos ter nenhum conhecimento confiável sobre os corações dos homens, de forma que nunca podemos fazer nenhuma declaração autoritativa com respeito aos seus pensamentos e motivos, ou nem mesmo denunciar sua incredulidade e comportamento pecaminoso. A inferência é inválida, pois embora não tenhamos nenhum conhecimento direto sobre os corações dos homens, Deus conhece todas as coisas, e ele nos disse algo sobre o que ele sabe com respeito aos pensamentos e motivos maus dos não-cristãos.

E sobre *essa* base – não especulação, mas revelação – podemos expor confiantemente os pensamentos dos pecadores e criticar seu motivos. Certamente, não conhecemos o coração do pecador na plenitude e com a precisão que Deus o conhece, mas podemos conhecer tanto quanto Deus nos revelou. Não devemos especular além do que Deus revelou, mas ao mesmo tempo, devemos aplicar ousadamente o que o Espírito nos mostrou sobre o pecador na Bíblia.

Nos versículos 19-21, o apóstolo inspirado nos expõe não somente as reações dos homens para com Cristo, mas também seus motivos e razões para essas diferentes reações:

Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus.

Morris pensa que “veredicto”<sup>29</sup> é uma tradução enganosa: “A palavra detona o *processo* de julgamento, não a *sentença* da condenação”.<sup>30</sup> Se lêssemos a passagem cuidadosamente, deveríamos observar que ela está descrevendo como o julgamento é realizado, e não um pronunciamento de julgamento.

Certamente, há um julgamento, e há um pronunciamento, mas essa passagem tem uma ênfase diferente. Seria inadequado traduzir a palavra como “julgando”, mas algumas

<sup>29</sup> Nota do tradutor: A NIV trás: “Este é o veredicto...”.

<sup>30</sup> Ibid., p. 206.

versões tentam transmitir o significado. Por exemplo, a NLT diz, “O julgamento deles é baseado sobre esse fato”, e a GNT diz, “É assim que o julgamento é feito”.<sup>31</sup>

Primeiro, João diz: “a luz veio ao mundo”. Isso estabelece o ponto de referência pelo qual as pessoas são julgadas. A natureza e os motivos delas são expostos pela forma como elas reagem e se relacionam com a luz. Essa luz é Jesus Cristo, que diz em outro lugar nesse Evangelho: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida” (8:12). Portanto, ele é o ponto de referência pelo qual as pessoas são julgadas.

João continua: “...mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más”. Ele nos fala sobre a reação dos homens e a razão para essa reação. Jesus Cristo, a luz, veio ao mundo. Mas os homens amaram as trevas ao invés da luz. Isso não é porque vir à luz é irracional, e não é porque esses homens já tinham a luz, ou tinham algo melhor. Mas eles amaram as trevas porque suas obras eram más, porque eles eram malfeitores.

Agora, não é como se esses malfeitores meramente preferissem o mal, e que embora elogiassem a luz e aqueles que vinham para luz, eles simplesmente sentiram que deviam tomar outro caminho. Não, João diz: “Quem pratica o mal *odeia* a luz”. Eles se ressentem com a luz e a odeiam. Alguns correm dela, e outros ativamente se opõem a ela. Paulo atacou a luz até que a luz o golpeou de volta e fez dele um crente (Atos 9).

O malfeitor “não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas”. Veja, há algo de errado com ele. Há algo de errado com o não-cristão. Há algo de errado com aquele que ouve o evangelho mas não crê. Há algo de errado com a pessoa que argumenta contra o Cristianismo. E há algo de errado com a pessoa que afirma uma outra religião que não a fé cristã. Não há nada de errado com Cristo ou o Cristianismo, mas o que está errado é que o malfeitor teme que suas obras sejam manifestas. A palavra traduzida como “manifestas” também pode significar convencer ou reprovar.

Essa é a razão pela qual as pessoas não vêm a Cristo e crêem nele. Não é porque há algo de errado do lado do Cristianismo, mas é porque o incrédulo é mal, e não quer ser exposto, convencido e reprovado. Ele se ressentido e teme a luz, e assim corre dela e se oculta dela. Aqueles que desejam reter seu orgulho algumas vezes a ridicularizam, argumentam contra ela, e a difamam inventando histórias sobre ela.

Eles dariam todos os tipos de razões para não vir à luz, temendo que sejam expostos pelos indivíduos depravados que são. Por exemplo, algumas pessoas poderiam basear sua incredulidade numa obra de ficção, um romance baseado sobre teorias antigas e refutadas sobre a fé cristã. E frequentemente seus argumentos e teorias até mesmo contradizem um ao outro. Mas eles estão desesperados, e assim se apegam a qualquer coisa que lhes dê uma desculpa.

Em contraste, “quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus”. O versículo literalmente diz:

---

<sup>31</sup> Nota do tradutor: Como na NTLH.

“quem *faz* a verdade” (NIV), ou como na NASB, “aquele que *pratica* a verdade”.<sup>32</sup> Assim, nesses três versículos (v. 19-21), João nos dá um retrato daquele que pratica o mal e daquele que pratica a verdade.

Embora João goste de contrastes e paralelos, sua descrição dessas duas pessoas não correspondem exatamente em cada ponto. O primeiro pratica o mal, mas ao invés de dizer que o último pratica o bem, ele diz que essa pessoa pratica “a verdade”. Tanto em seu Evangelho como em sua Epístola, “verdade” está inseparavelmente ligada à pessoa e doutrina de Jesus Cristo. Assim, a pessoa que recebe a luz não é simplesmente alguém que pratica o bem em geral, mas é alguém que segue ou pratica os ensinamentos de Cristo.

Ela vem para luz “para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus”. Aqui está outro ponto onde o contraste não é um paralelo exato. O malfeitor não vem para luz porque suas obras são más, e ele não quer ser exposto, convencido e reprovado. Por outro lado, João não diz que aquele que vem para luz deseja que todos vejam que suas obras são boas, mas ele deseja fazer conhecido que suas obras foram “realizadas por intermédio de Deus”, ou literalmente, “realizadas em Deus” (NASB). Aquele que vem para luz assim o faz porque Deus tem estado operando nele e através dele. Assim, o versículo ensina “uma forte doutrina da eleição divina”.<sup>33</sup>

Alguns comentaristas sugerem que há um sentido no qual a pessoa que se esconde da luz é auto-condenada. A ilustração usada é que a forma que uma pessoa reage a uma bela obra de arte nos diz algo sobre a pessoa, e não sobre a obra de arte. A obra prima serve como um padrão e um ponto de referência pelo qual a pessoa é julgada, e ao invés de prejudicar seu valor, a pessoa que menospreza a obra prima é “auto-condenada”, pelo menos quando diz respeito à apreciação de arte. Numa forma similar, a pessoa que não vem para luz denuncia sua verdadeira natureza e motivos, e de acordo com o começo do versículo 19, isso é como o processo de julgamento ocorre.

Não há nenhum problema com isso – e de fato, se isso é o que a passagem ensina, *não pode* haver nenhum problema com isso – a medida que lembramos que a descrição é relativa, de forma que não abusemos do texto derivando dele alguma idéia de liberdade humana, como se o homem fosse auto-condenado aparte de Deus. Não, isso seria contraditório ao ensino consistente da Escritura de que Deus exerce controle completo sobre todos os homens, quer para o bem ou para o mal.

O texto é relativo porque, embora ele de fato nos fale como a humanidade é dividida por Cristo como o padrão e o ponto de referência, ele não nos diz o porquê alguns são malfeitores e o porquê eles permanecem como tal. Nada no texto diz que o mal é auto-causado ou que os homens criam eles mesmos o mal. Em adição, num contexto onde Paulo está falando sobre os eleitos e os não-eleitos, aqueles a quem Deus ama e aqueles a quem Deus odeia (Romanos 9:13), ele menciona que é prerrogativa de Deus fazer “um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso” (v. 21).

---

<sup>32</sup> Nota do tradutor: O autor dá o exemplo da NASB pois a NIV não diz “quem pratica a verdade”, como a NVI, mas sim “quem faz a verdade”. As principais versões brasileiras (ARC, ARA, NVI) trazem “pratica”.

<sup>33</sup> J. Ramsey Michaels, *John*, New International Biblical Commentary (Hendrickson Publishers, Inc., 1989), p. 60.

O próprio Evangelho de João refere-se àqueles que “pertencem” a Deus e aqueles que “pertencem” ao diabo, e nada indica que as próprias pessoas sejam aquelas que decidam a quem elas pertenceriam. E não devemos esquecer a passagem, também no Evangelho de João, que diz que algumas pessoas não podem crer porque Deus ativamente cega suas mentes e obscurece os seus corações. Assim, tanto os eleitos como os não-eleitos são *feitos* dessa forma por Deus, e ativamente guardados dessa forma por Deus, e é *isso* que explica o porquê eles se comportam diferentemente em João 3:19-21.

Além do mais, embora a idéia de auto-condenação tenha algum significado num contexto mais restrito – ela nos diz como algumas pessoas se comportam com relação a um ponto de referência – ela não pode ser muito enfatizada. Não é como se uma pessoa pudesse criar um inferno e então se lançar ali. Não, Deus decidiu criá-lo e enviar pessoas ali. Por que você pensa que Deus simplesmente entregaria um mapa a ela e esperaria que a pessoa encontrasse seu caminho para o inferno por si mesma? Não, João escreve que o incrédulo é *lançado* no lago de fogo (Apocalipse 20:15).

Quando falhamos em mantê-la dentro do contexto, a idéia de auto-condenação pode produzir várias implicações anti-bíblicas.<sup>34</sup> Se devemos reter esse termo, pelo menos devemos dizer que Deus é aquele que faz as pessoas pensarem e se comportarem de uma forma que condene a si mesmas. Mas é frequentemente mais fácil dizer que Deus as faz dessa forma, as mantém dessa forma, então as condena por serem dessa forma, e que em tudo isso, ele permanece justo e inculpável. Assim como o oleiro tem o direito de fazer o que ele quiser com um pedaço de barro, Deus tem o direito de fazer qualquer tipo de criatura que ele deseje e fazer o que quiser com elas.

Os incrédulos nos dizem para não julgá-los. “Seus intolerantes preconceituosos”, eles nos diriam, “Vocês nem nos conhece!”. Nós não reivindicamos conhecer mais do que o que Deus nos revelou através da Escritura, mas a Escritura nos dá muita informação sobre os pensamentos e motivos deles que tornam a especulação desnecessária. A partir desses três versículos apenas, já sabemos sobre as suas disposições, a natureza das suas obras, e o porquê eles não vêem a Cristo. Deus nos tem dado uma descrição do próprio pensamento e motivo delas, de forma que sabemos o que acontece em seus corações, até mesmo num nível espiritual profundo.

Nós não brincamos de Deus nem usurpamos sua autoridade, mas meramente repetimos e expomos o que ele já nos declarou: “Este é o veredicto: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más”. E ao mesmo tempo, precisamente porque não brincamos de Deus nem usurpamos sua autoridade, não ousamos permanecer quietos sobre sua revelação para nós ou comprometer sua mensagem diante do mundo, quando ele nos ordenou pregar a todas as nações.

---

<sup>34</sup> Para ilustrar, Romanos 2:1-2 diz: “Portanto, você, que julga os outros é indesculpável; pois *está condenando a si mesmo* naquilo em que julga, visto que você, que julga, pratica as mesmas coisas. Sabemos que o juízo de Deus contra os que praticam tais coisas é conforme a verdade”. Paulo escreve: “[Você] está condenando a si mesmo”, mas ele está descrevendo o comportamento de um pessoa com relação ao padrão que é a lei de Deus (v. 12-15). A expressão não nos diz o que faz com que as pessoas desobedeçam a lei, ou porque elas julgam outras por fazer as mesmas coisas. Paulo não está falando sobre metafísica, ou soberania divina e liberdade humana. Quando diz respeito a esses últimos assuntos, ele é enfático em que Deus é aquele que controla tanto os eleitos como os não-eleitos, tanto os justos como os ímpios.

Os não-cristãos querem que paremos de ver as coisas em preto e branco, em absolutos, e que comecemos a ver ao invés disso em sombras de cinza. Mas João não nos dá tal opção. Com ele é fé ou incredulidade, vida ou morte, amor ou ódio, luz ou trevas, bem ou mal, verdade ou falso, e salvação ou condenação. Ele acumula todas essas idéias nos versículos 16-21, e as repetirá e adicionará outras no restante dos seus escritos. Você é um cristão ou um não-cristão. Você crê em Cristo, ou descrê em Cristo. Se você crê, você tem vida eterna, mas se você descrê, você está condenado ao inferno para sempre. É tão simples quanto isso.

O homem é um pecador. Ele precisa de um salvador. Jesus é a resposta. Apenas ler João 3:1-21 é suficiente para fazer um cristão chorar e tremer. Seu espírito responde às palavras de Deus (João 6:63), e seu coração arde a medida que ele as lê (Lucas 24:32) Mas tudo isso parece morto para os condenados. Não, não é caso das palavras serem mortas – elas são “viva e eficaz” (Hebreus 4:12) – mas os corações dos condenados estão mortos.

E você? Tudo isso significa algo para você? Todo esse discurso sobre espírito, fé, vida e luz parece sem sentido e loucura para você? Não há nada de errado com a mensagem, mas há algo de errado com você. Você ainda está morto em seus pecados, e você deve nascer de novo. Busque-o hoje. Implore a ele hoje. E pode ser que ele tenha te escolhido mesmo antes da fundação do mundo, de forma que abrirá agora o seu entendimento, revivificará seu espírito, e lhe concederá nova vida em Cristo.